

ANTOLOGIA DA POESIA
CONTEMPORÂNEA DE
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Carlos Loures



COLECCÃO – setentrião – 8

ANTOLOGIA DA POESIA CONTEMPORÂNEA
DE
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Titulo: *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*

Autor: Carlos Loures (org.)

2.ª Edição, fac-símile da 1.ª Edição

Colecção *Tellus*, n.º 36

Edição: Grémio Literário Vila-Realense

Câmara Municipal de Vila Real

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, 21 de Março de 2017

Tiragem: 300 exemplares

Depósito Legal: 420522/17

Composto e impresso: Minerva Transmontana – Vila Real

*Ao Dr. Carlos Sanches, dedicam
este livro, com reconhecimento
e amizade, os coordenado-
res da Colecção Setentrão.*

COLECÇÃO SETENTRIÃO

Destina-se a agrupar numa força única todas as obras literárias que forem publicadas em Trás-os-Montes e Alto Douro, interessando-se especialmente por aquelas que se distinguirem pelo seu realismo humano.

VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|---|------------------|
| 1—POEMAS DURIENSES | António Cabral |
| 2—NEGRO SOBRE NEGRO (poesia) | Granjo de Matos |
| 3—VARANDA SOBRE O RIO (ficção) | José Aguilar |
| 4—TERRA FRIA (poesia) | Miguel Montes |
| 5—NEVE (teatro) | Carlos Alberto |
| 6—ALGAS E DEUSES (poesia) | José Magem |
| 7—POEMAS DO SILÊNCIO E DA DISTÂNCIA | Telmo da Fonseca |
| 8—ANTOLOGIA POÉTICA DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO | Carlos Loures |

P R E F Á C I O

O critério selectivo que presidiu à elaboração desta colectânea baseou-se, principalmente, na intenção de oferecer uma panorâmica, tão vasta quanto possível, das actuais poéticas transmontana e duriense. Não tenho, todavia, a pretensão de apresentar aqui todos aqueles que, nestas duas regiões setentrionais, publicaram livros de versos: alguns terão, certamente, escapado às minhas investigações—futura edição, se a houver, remediará esta deficiência; por outro lado, vários dos autores consultados não possuíam aquele nível mínimo que, mesmo dentro do espírito de tolerância crítica necessário à feitura de uma antologia deste tipo, me pareceu licito exigir. Entre o escrever poemas e o «versejar», existe um abismo que não pode, nem deve, ser ignorado ou subestimado. No entanto, a organização de antologias deixa sempre uma larga margem à subjectividade do organizador: à possibilidade de, num ou noutro caso, ter sido menos justo, oponho as palavras de Manuel Bandeira já tão citadas, e com as quais, no pórtico da sua Poesia do Brasil, se defendia da hipótese de erro semelhante: «Naturalmente esta antologia terá os consabidos defeitos de todas as antologias. Não é nada fácil escolher os autores, e nos autores os melhores poemas. A verdade é que nenhuma antologia pode por si só representar a poesia de um país: para isso são necessárias algumas antologias».

A preocupação dominante que guiou a selecção, em relação à obra de cada poeta, não foi apenas a de escolher os melhores poemas, mas principalmente a de encontrar aqueles que pudessem ser mais representativos; procurei, além disso, escolher um ou outro poema em que o telurismo fosse mais eviden-

te, onde existissem traços das realidades geográficas, humanas e sociais das duas regiões nordestinas. No entanto, em alguns casos foi impossível obedecer a tal propósito, pois nem sempre o lugar onde o artista nasce abre cicatrizes na sua obra. Talvez que uma futura antologia da actual novelística destas duas províncias, seja mais conclusiva, denunciando mais vigorosamente a influência que os cenários magestosos, o forte matiz caracterológico dos montanheses exerce nos seus escritores. Por vícios tradicionais da nossa cultura, os poetas são mais facilmente tentados a fugir à realidade, transpondo o lirismo para um plano extra-humano ou meramente introspectivo; a alienação está intimamente vinculada ao mais generalizado conceito (ou conceitos) de poesia. Dentro dessa linha alienatória, disse um surrealista que o poeta «deve ser um criador de mitos»; no entanto, cada vez mais se chega à conclusão de que ele deve ser, antes de mais, um desmitificador e um desmistificador. Paul Eluard disse que «o poeta deve ser mais útil que qualquer outro cidadão da sua tribo. A poesia não é um objecto de arte, mas, sim, um objecto utilitário». Se, em relação a estas palavras de Eluard, me permito pôr em dúvida a possibilidade de, num contexto social, o poeta vir a ser mais útil do que um cientista, por exemplo, acredito que a missão poética deverá estar indissociavelmente vinculada à dinâmica da sociedade para que possa perdurar historicamente como actividade válida do pensamento humano. Pablo Neruda, ao eternizar no seu «Canto General» a epopeia de um continente, identifica a poesia com as reivindicações dos seus povos, com a sua gesta, com a sua esperança; com ele, a poesia deixa de ser um objecto de arte e passa, de facto, à categoria de artigo de primeira necessidade, de objecto utilitário, como queria Eluard.

Aos povos nordestinos que, na sua luta obscura pela sobrevivência, nos dão uma tão eloquente lição de estoicismo, aos transmontanos rudes como as suas montanhas francos e corajosos, aos durienses que, com o seu sangue e o seu suor, souberam vestir de vinha as rochas, dedico este meu modesto trabalho.

Vila Real, 1962 / Tomar, 1967

Soneto da Neve

De régias túnicas de linho, a neve
Vestiu a terra desolada e nua.
Noiva do frio, melodiosa e leve
Em seu dançar, mais branca do que a lua.

Teu encanto e magia não descreve
Nenhum poeta universal, a tua
Alvura alucinante que deteve
Olhos maravilhados, rua em rua...

De braço dado com o vento norte,
Dás-me beijos gelados como a morte,
— Princesa escandinava do meu sonho ..

Perdido em tua ronda de mistério,
Bailo, contigo, num bailado aéreo,
E muito além do mundo me suponho.

Nota à Margem da Via-Láctea

A branca fumarada luminosa
Da Via-Láctea ondula num clarão,
Como se houvesse fogo na radiosa
Moradia dos deuses, na amplidão.

Incêndio astral, argêntea labareda
Que encharca de penumbra o nosso olhar,
Um murmúrio de luz que nos segreda
Miragens de outro mundo, a conquistar.

Ao nocturno dealbar das nebulosas,
Ante o ígneo clamor do Sete-Estrelo,
Além das aparências enganosas,
Alma! ergue o nosso comovido apelo.

Ah! não ter asas para lá subir,
Ao reino da perpétua claridade,
Onde nosso desejo consumir,
De anímica e perfeita liberdade.

Ah! não poder mudar-se de planeta,
Fugir, voar onde nossa alma vibre,
Longe do turbilhão da vida inquieta,
Ao alto, à vida luminosa e livre.

Inglória servidão em nossa esfera...
Sepulta para sempre a nossa voz?...
Mal pode ouvir-se numa dor sincera,
Bradando: Deus esquece-se de nós!

Madrigal Bárbaro

Tudo quanto me atraí e me cativa,
Demoníacamente,
Na volúpia aromal do teu corpo de rosas,
Não é da tua carne a primavera viva,
Nem teus cabelos de seara ardente,
Nem tuas mãos formosas.

Nem são teus olhos de luar sombrio,
Orvalhadas auroras de Outro Mundo,
Que só meu sonho vêm alumiar,
Nem teu andar metálico e tão frio
Que sempre que te vejo, te confundo
Com a estrela polar.

Nem é tua boca — fonte de harmonia,
Cantando o epitalâmio da Alegria,
Num minuto que vale a eternidade ..
Nem são teus braços de açucena em flor,
Onde um martírio acariciador
Crucificou a minha mocidade.

— É tua voz melodiosa e pura
E molhada de beijos e ternura,
Despertada do sono e do torpor,
Quando me diz, no ardente renascer
Da manhã dos sentidos, a gemer,
Meu amor, meu amor...

(Antifonário Pagão)

Regresso

Perdi-me no caminho do regresso
E já nem sinto os passos que vou dando...
O sonho que vivi foi-se apagando
E agora é só com sombras que tropeço!

De tudo o que não vejo me despeço
Na ânsia de encontrar-me recordando,
Mas nem curtindo mágoas nem gritando,
Longe de mim consigo o que apeteço!

Sou como rio turvo e caudaloso,
Parando sobre um leito pedregoso,
Sem margens, sem destino, sem ninguém...

Um rio sequioso de corrente,
Olhando a água morta da nascente
À espera que ela venha... mas não vem!

Bailado da Neve

Nove horas da manhã, Vila Real,
O céu baixou à terra e a Princesa
Deslumbra-nos de sonho e de pureza
Nas galas duma pomba sem igual!

Ao longe, ergue-se branca e colossal
A sentinela eterna de beleza
E léguas em redor a natureza
Aflora rendilhados de cristal!

A nossa alma vai... foge de nós
No turbilhão distante duma voz
Que vibra e nos aquece d'ilusões!

A vida é uma quimera de farrapos
Bailando na paisagem como trapos
Ao sopro de fantásticas visões!

(Regresso)

Do teu ombro os pássaros partem

Do teu ombro os pássaros partem
para as nações cor de noite e nuvem,
piando no terror do velo e da pluma.

Recompõe-se o silêncio desperdiçado
e a paisagem é outra e a mesma
a beijar-te os lábios libertos de palavras.

Jamais saberás a hora do festejo,
mas as tulipas florescem no mar
onde a imagem se dispersa derrubada.

Que morte sonhaste na múrmura água?
A vida solta se dos corpos desfigurados
que se abrigam na ausência do riso.

Uma luz atravessa o canto
liberto do ritmo dissoluto e da retórica
e vai projectar-se na solidão da casa.

O elevador pára no primeiro andar
— rosas vermelhas para cobrir o sol —
e senta-se a dança no vasto alpendre.

Tudo o que os sonhos suportam
— os pássaros verdes e o clamor das canoas,
os bonecos de barro musicais e alados —

galopa surdamente na memória
sustentando um mudo colóquio
com as sombras e as algas submersas.

Autêntica é a emoção e a carne,
vestíbulo do desejo e do espasmo,
mas as palavras inclinam-se ao sol,

supérfluas mas reais e inevitáveis,
invadem a planura e os arrozais
para se perderem na folhagem do bosque.

(In «Cardernos de Poesia»)

Poema para uma bailarina negra

Inicias agora, entre esponjas de solidão,
a construção dos altos degraus do templo
com uma marcha de fogo nas arestas solares
e teus pés abrem na assonância de cobres e cordas
os sulcos definitivos onde mergulhamos,
triunfantes de subir contigo através da ondulação
das árvores ardendo em tua boca de seda,
perturbados pelos teus pés leves de nuvens,
devorados por teus braços de buganvillas,
ardendo sempre no teu corpo,

tinteiro de nebulosa,
ó trópico de Câncer,

trópico de Capricórnio,
essência mesma das flechas do equador,
quente salamandra do ritual
derrubando com teus braços, guilhotinas aéreas,
as colunas dos cativos rasgadas de peles preciosas.
Procuras no peito perturbado dos anciãos
a cabeça solar, o marfim profético
de uma raça crescendo até à altura das formigas,
seiva pagã nas mãos de sal florindo a terra
e teus pés, teus pés, teus pés,
matam a lua com dentadas de ouro.

.....

O sentido cósmico desta nova viagem
floresce na dissociação do lírio
como um pedal de porcelana branca
Resiste à radiação que nos seduz presa
a uma intermitência de flores de urânio
sofrendo as maxilas de cimento
desesperadamente profundas
Há poços aéreos violentos agradáveis
vivendo em ti qual constelações humanas
fundindo-se nas chamas das aves que irrompem de uma alta solidão
que não é no entanto
que não é como te disse
como te digo
o cabograma decisivo
ou o canto resplandente ardoroso

equilibrando-se na decidida importância
dos lutadores esquecendo prevenções lutos e bandeiras
acordando cristais flores uma bacia triste
quando uma lua elementar

peremptòriamente polida
desfaz recalques complexos mutilações
para nos dar através de uma atmosfera da tua altura
uma cidade um dia o povo o riso o mundo

.

Tu, pássaro patético que nos beijos do medo
desfazes a teoria dos vasos comunicantes
ensinando que dois homens de estatura semelhante mas de pele diferente
são dois campos magnéticos que sempre se repelem
sem possibilidades de encontrar um ponto de equilíbrio
tu, gonzo de basílicas decaídas
onde entram todos os bichos, todas as religiões,
fraternas nuvens peçadas de confidências,
de cactos, de palavras de beijos, de soluços,
vencendo a amputação com uma pose mágica
enquanto os reflectores desfalecem nas escadas
tu, único avião de formosura semelhante
ao leopardo que devora a camélia do teu peito,
medes a opressão das nossas prevenções,
dos nossos sobressaltos,
enquanto os tapetes de cicatrizes definem um homem
ainda e sempre totalmente desfigurado,
tu hipópótamo rompendo o equilíbrio
do manómetro tumultuoso de Wall Street
com uma arte perfeitamente incompreensível,
mergulhada no sono da cauda do cometa Halley
sabes que não há lanterna que não há lâmpada
capaz de iluminar uma inocência perdida,
tu, relógio verde de cicuta e lírio
oscilando no ascensor de muxiques secretos,
serves o cântico final onde o reflexo nos reúne
no espelho de resina da justiça colectiva
e desaprendemos uma linguagem de traumatismos
esperando a distância nevrálgica, o passo complicado,
virando as costas aos fragmentos,
re-inventado

como se exige
um homem
evoluindo de acordo com uma nova forma
de evidenciar as mil faces secretas do ser.

(Excertos)

Sou barco

Sou barco abandonado
na praia ao pé do mar.
E os pensamentos são
meninos a brincar.

Ouçó o fragor da vaga
sempre a bater ao fundo.
Escrevo, leio, penso,
passeio neste mundo
de seis passos e sempre o
mar a bater ao fundo ..

Ei-lo que salta bravo
e a onda verde escura
estarela-se em trigo
de raiva e amargura.

Agora é todo azul
com barras de cinzento
e logo é verde, verde
seu brando chamamento.

Ó mar, venha a onda forte
por cima do areal.
E os barcos abandonados
voltarão a Portugal...

Pede ao Sol que venha

Ai pede ao sol que venha!
Há tantos dias espero nos escombros
e falta sempre. Diz ao sol que venha,
que eu trago o corpo frio
das paredes caídas nos meus ombros.

Ai pede ao sol que venha!
E não como senhor, mas com palavras
de camarada. Diz ao sol que venha,
que eu vou despir-me todo
e provocar a terra enamorada.

Os desejos que tive,
ao erguerem a voz petrificaram.
Sou uma estátua rude mas que vive,
velho mono dos séculos
que a noite e as tempestades sepultaram.

E não encontro o tempo.
É sempre um corredor de lajes frias
sem portas do que foi. Não tenho que medir,
ouço bater a pulsação dos dias
como se fosse um coração que dói.

No presente esqueço.
Assento-me na areia do passado
a olhar as ondas no seu arremesso.
E no vaivém da vaga
peixes e salvados espalham-se a meu lado.

— «E o futuro?» — dirás.
Oh! o futuro traz dois seres lutando.
É triunfo do novo, mas não faz
calar esta pergunta:
— «Quando virá a liberdade? Quando?»

Todo o progresso é luta.
O meu conforto de hoje entra em conflito
com o interesse geral. Nesta disputa,
deixo falar a dor
e sou do Mundo, do bom Portugal.

Eh! lá! Quem é capaz
de subjugar-me a chama? Quando quero
dou um salto tremendo das ameias,
mergulho no mar de panorama
e nado com os peixes e as sereias.

Na montanha mais alta,
erguerei o talefe da alegria.
Na montanha mais alta. E quando os ares
sopram da tristeza
eu vê-lo-ei de todos os lugares.

Sentinelas de pedra

As paredes são quatro sentinelas
de pedra que não saem do lugar.
O que faço? Perdi o movimento,
corro na cela para o encontrar.

A vida presa
é um homem sem pernas, um carro sem pneus.
Ai quem me dera abrir a porta de surpresa,
fazer-me nuvem e correr nos céus.

E passeio na cela, corro, corro.
Louco, para que é todo esse andar?
E quando paro, o suor em jorro,
não saí do mesmíssimo lugar.

As nuvens estão paradas no céu,
estrangulando a terra com o seu abraço.
Sufoca-me este exótico chapéu
que cobre o espaço.

Sob este peso,
o meu peito é o fundo do oceano
e o coração um peixe submerso
que busca a superfície a todo o pano.

O passado vem, fala-me de cor,
povoa-me de sonhos e de mágoa.
Vou como um nadador
d'olhos abertos debaixo d'água.

E das cidades ontem submersas
de que tinha perdido a memória,
encontro agora as ruínas dispersas,
relembro comovido a sua história.

Por fim lá fora,
caem do céu as nuvens numa derrocada.
Só este peso dentro nunca chora,
é nuvem que ficou cristalizada.

Porque me levanto

Porque me levanto quando os outros dormem,
ouço gritos, insectos a correr à sorte,
árvores crescendo nos seus troncos verdes
e surpreendo a morte
branqueando a cara, vindo ao de cima
do camarada que mais se estima
e ao acordar os demais
riem um pouco, mostram compaixão:
— «Dorme, repousa a razão!»
Mas se eu ouço e vejo todos os sinais...

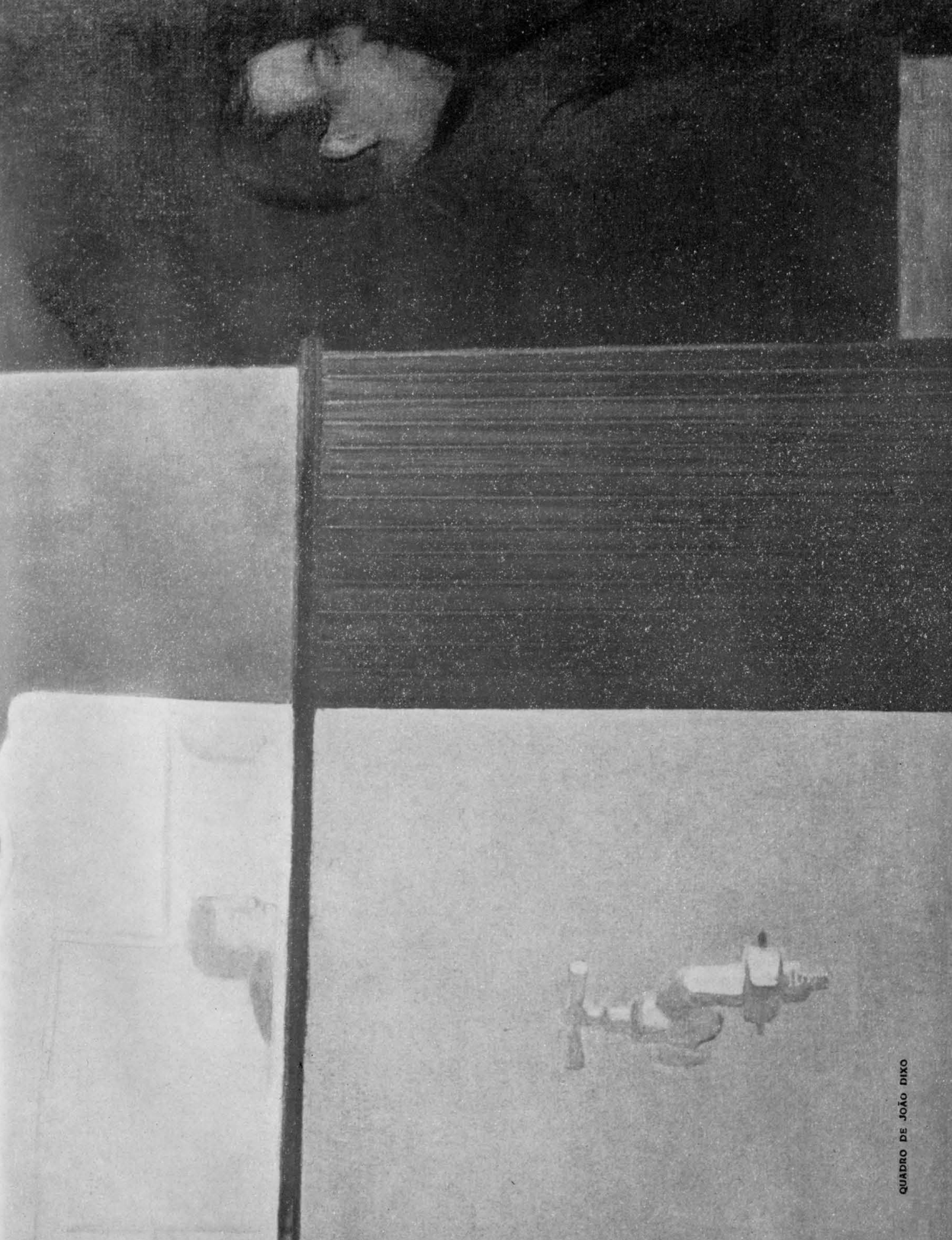
Não ouves o grito da coruja
pelas ramas,
uma formiga vermelha
trepando das escamas
dum pinheiro nocturno?
Ri para mim com enormes bigodes.

Não podes
esconder a pena.
E no entanto cobras e lacraus
rasgam-me a carne
com punhais perversos e dentinhos maus.

Não vês o vale com o rio ao fundo
soltando os açudes,
um vale verde, verde — negro, grande como o mundo
e um sol amarelo, quase branco
sobre as paisagens fortes e rudes
espalhando a luz louco como um saltimbanco?

Bateis-me nas costas: — «Então?
Estamos em combate.»
Levo a mão
ao gatilho
e tomo parte
no sarilho
necessário.





QUADRO DE JOÃO DIXO

E enquanto disparo vou falando :
— «Vejo as planícies do futuro
com o amor a luz dependurando
na árvore, na estátua, o muro
do ódio derrubando.»

Os nossos corações batem de novo,
como um só.
Um coração chegava para todo o povo!

Mas de novo alguém me rouba o riso,
arrefecendo-o num granizo
frio e bisonho
— «De pé, tens de seguir o sonho,
estar sempre desperto,
anunciar os perigos,
adivinhar o deserto,
cantar as alegrias do futuro,
mesmo que o coração
esteja amassado entre as pedras dum muro»

Eu sei, eu sei, ó meu irmão,
que em todos vive um pouco
esta mania de louco.

Perdoa, perdoa o pobre coração
que não pára na carreira,
cavalo bêbado sem bebedeira,
num galope ao luar,
saíndo a escorrer dentro das águas do mar.

DELACROIX! DELACROIX!

Às vezes apetece rebentar
na corrida

Mas eu vou montar a besta
que desencabresta
e sustenho agora o galope a toda a brida.

(Roseira Verde)

Quebra nos meus lábios

Quebra nos meus lábios o sono do teu anjo
e embriaga-me com o vento das suas asas.

Ignoro muito do seu sangue,
desse difícil sopro que devora os espaços.

Que farei da minha vida com fundos de silêncio?
Deste mar dos meus olhos com nevoeiro de lágrimas?

Fatigadas, as nuvens transportam no céu de sempre
a mesma carga do sal doirado da amargura.

Chama-me, fiel ao teu murmúrio,
para que eu conquiste a tua face espessa,
teus pés de longínqua idade,
o teu velho e cerimonioso firmamento.

Respiração através do teu nome

Eis a casa — a herança da unidade,
em cada fruto o espaço do teu nome,
e no contorno do vento a tua presença cingida
de oliveiras.

Estendida na luz,
és no entanto o movimento das árvores,
o secreto ódio, o rumor da lágrima
ou do amor
no seu leito de enigmas.

Conheço-te a voz,
a suspeita desse quieto martírio da mentira,
o soluço e o beijo na outra face.

Mas confio em ti,
na paisagem perfeita do teu corpo,
nos grãos de eternidade que são a matéria
da tua alma.

Acordarei no teu sangue para a paz?

Terra de ninguém

Em que lugar nasci? Em que rosto antigo
a força desta cinza me vestiu de espadas vivas?

Em que nome de asa — rio, pensamento ou fruto —,
o vento alimentou a minha língua?

Assim a noite, assim meus lábios
passaram fome às primeiras vísceras.

Não mais o fumo tranquilo do olhar
ou o hálito puro das raparigas...

A pedra cresceu, cobriu o gesto das estrelas.

Êxodo

Para onde partiram os camponeses, as aves
e os peixes?
Deixaram os rios e as muralhas das flores
desertas,
deixaram os sulcos e os destinos da Terra.

Já a cidade ferida em seu firmamento,
quebrada em suas rusga,
ignora os lábios e os caminhos:
— boca desfeita sobre os muros de açucenas.

Uma grande cidade parada nos ossos
do seu nome.
Que coisa este país, esta mão?
Um tumulto apenas de lâmpada ou de homem
calando-se,
apenas o ruído do silêncio sobre o homem
como água correndo dentro duma sombra.

(Futuros ou Não)

A Montanha

Nesta montanha dependemos
Do voo dos pássaros, do rio
E seu rumor, da solidão
Que acende o risco das estrelas,
Das tempestades e por elas,
Do nosso próprio coração.

Montanha no sangue, fluindo
Toda enlaçada de horas verdes.
Mas cada hora não tem mais
Sessenta portas bem contadas:
Sessenta são e mais sessenta
E todas elas invioladas.

Por que são todas invioladas?
Onde começa a decisão?
Por que se passa e se não passa
Como se tudo fosse um passo?
Ai lucescente rio feito
De obliquidade sem espaço!

Nesta montanha dependemos
Do voo dos pássaros, de tudo.
Em toda a parte nasce, e nasce
Imperceptível, o futuro.
Mostram as coisas uma face,
Mas espreitando-nos do muro.

(Falo-vos da Montanha)

Aqui, Douro

Aqui, Douro. O Paraíso
Do vinho e do suor,
Dum rio, no verão, ossudo e magro,
Como as pessoas,
Quando as águas se recolhem às sombras
Cortadas apenas pelos assobios dos barqueiros
E pescadores,
Sonhadores e descalços,
(Ah os pobres são todos sonhadores!)
Quando o sangue é puxado aos braços
Pelo sol e pela mágoa
Que formam aqui a mesma alma.

Paraíso dos montes sobre montes
Agressivos
Mas belos.
Dos montes que se agigantam em ímpetos colossais
Mas também recomunicam o luar
No pólen fulvo dos pinheiros.
Pinheiros que chupam o tempo,
Nervosamente o debruçam das cumiadas
E o deixam escorregar,
Enrugando a pele dos sobreiros,
Até às funduras onde o povinho decanta almas penadas.
Pinheiros que formigam, se emaranham e dão
À miséria a cor do ódio, da fecundidade e da esperança.

Paraíso esverdeado das oliveiras
Que estendem a sua monotonia
Como a rapariga que não se casa
Estende e alisa os seus inúteis cabelos compridos.
Do fluído oiro das oliveiras
Que alumia o sangue,
O compartimento único do jornaleiro
E a lâmpada semelhante a uma alma, do Sacrário.

Paraíso das hortinhas e pomares
Onde a água é menos esquiva
Para que os homens sujem bem as mãos
De encaixotar num sonho meia dúzia de laranjas,
Enquanto os melros pintam a carvão
Uma risada maliciosa e livre de todas as políticas
Que é a mais bela nota do campo seja ele qual for.

Paraíso do suor.
Dos ganhões de camisas empastadas,
A terra a colar-lhes os lábios
E a torcer-lhes as palavras em raivas humaníssimas,
Cavando, neles cavando o desespero,
Lucilante de amor, todavia,
Como a noite, de luar,
Porque atrás da poeira
Vêem a boca inocente dum filho.

Paraíso da aguarela forte das vinhas
Pronunciadas em ondas verdes para os olhos.
Vinhas que estão na alma desta gente
Como grito nos lábios,
Como flor no desejo,
Como o olhar nos olhos.
Vinhas, sei lá, que são a própria alma desta gente.

Paraíso álaçre das vindimas !
Então, o Douro é d'oiro.
Oiro no sol que põe tudo em labaredas,
Os cachos e as nuvens de poeira
Espantadas pelas patas dos cavalos.
Oiro na tagarelice das vindimadeiras
E na toada monocórdica dos carregadores
Ao ritmo do han-han que rói os pulmões
E não é nada do que mostram os documentários de cinema
Oiro, um oiro de água, nos olhos dos lavradores
Que vêem o mildio ter-lhes chupado as uvas e as faces.
Oiro nos descantes nocturnos, à porta dos patrões,
Se o Zé pega da concertina e outro malha num bombo.
Oiro, oiro, suado de sangue... oiro !
Oiro talvez nos cálices dos senhores
Que vieram de longe assistir da janela.
Ah paraíso doirado das vindimas
Que, apesar de tudo, enche a alma !
(A alma enche-se de qualquer coisa)
E faz saudade.

Paraíso das romarias.
Da Senhora da Piedade, dos Remédios, do Socorro.
Gente de gatas, como animais.
Porque a Senhora interveio
E ante o Céu

Somos piores ainda do que os burros
Há um homem que leva uma facada
Mas há também ex-votos,
Estrelas a germinar nos olhos,
E quem fuja aos arraiais, defendendo-se com a noite.

Paraíso das sete ermidas !
— O céu gotejando no cimo dos montes.
De castros em ruínas !
— O vento do passado dando-nos na face.
Das minas que devassam os abismos !
— Fui à boca duma em criança
E recuei como se tivesse visto
Todos os dentes da bicha das sete cabeças.
Paraíso dos caminhos tortuosos
— Pois Deus escreve direito por linhas tortas.
Dos duendes nocturnos
— Ninguém chegue à janela quando passam.
Das moiras encantadas
— O afiançou minha avó: há uma
Que se chama Maria
E é linda, linda como as manhãs de Junho.

Paraíso !
Dos barrancos inconcebíveis,
Das rogas e do silêncio,
Do grandioso silêncio das montanhas.

Paraíso ! Paraíso !
Oh cântico de pedra à esperança !

(Falo-vos da Montanha, **plaquete** Aqui, Douro e Poemas Durienses)

Advento

Recente e casta,
virás
pôr um grito branco na minha sede.
Com uma rútila ardência na fronte
e na pele todo o perfume do vinho mosto.
Recente e casta.
Diáfana !

Darei asas novas ao sonho,
vestir-me-ei de alegria e coerência.
E não mais precisarei de flores no meu quarto,
pássaros na tília,
neve na montanha.
Só tu, recente e casta e diáfana,
objectivarás a memória.

Virás, esperança, nos intervalos da brisa.
Virás, sortilega e lírial.
Virás,
água,
carne,
pão,
anjo definitivo dos meus dias.

(A Flor e as Palavras)

Douro, meu belo país

Douro, meu belo país do vinho e do suor,
bárbaro canto arrancado à penedia
por um destino que nos faz andar
da alma para os olhos, dos olhos para a alma!

Douro, eh lá!, uma nova era se anuncia
e traz aos nossos ouvidos uma promessa de rosas.

Ouçó já o crepitar das metralhadoras da paz,
esses corações de aço que se chamam tractores.

Ouçó-os e uma visão de terra alegre,
alegre como um tesoiro descoberto,
rasga-se, sob o nosso espanto, na tua carne.

Não mais as horas fechadas como punhos
e os morros inóspitos de carqueja bravía,

O tempo estender-se-á na nossa esperança,
claro, claro como um leito nupcial;
nos valados correrá um sol caudaloso,
fulminando, ao seu contacto, os fantasmas da miséria.

Eh lá, Douro, meu belo cavaleiro enamorado
por uma dama que fugia na tua angústia,
depõe, finalmente, os velhos trapos
de matagais, escombros e vinhas amortecidas.

As enxadas deixarão de cavar o desespero;
o ferro e a pá arrumar-se-ão nos arquivos da memória.

Onde irá o tempo das vacas magras
quando um tractor cantar em cada monte
a deliciosa canção da fecundidade ? !

Haverá muitos tractores, haverá mais armas
apontadas aos baluartes da fome.

Haverá mais pão, haverá mais rosas.
Eh Douro, meu belo país !

A Quinta do Senhor Smith

O trisavô do senhor Smith esteve no alto do Buçaco
e era menino bonito do Duque de Wellington.
Claro !: deu a volta a Portugal
e, como herdara do pai o fino tacto
dos honrados comerciantes de Liverpool,
comprou uma quinta no Alto Douro, por uma bagatela.

Bons tempos esses em que a delicada goela inglesa
trocava o «smoking», a cartola e a bengalinha de prata
por um bom copo do aromático «port wine».
Bons tempos ! — diz o amante de curiosidades durienses.
O Marquês não seria lá muito honesto
mas, ao menos, pôs os ingleses a beber.

Hoje, o senhor Smith é o dono da grande quinta :
Setenta pipas de vinho de primeira,
além dum extenso olival, dois pomares,
um palacete, a habitação dos caseiros, os caseiros,
trabalhadores eventuais e outras árvores de fruto.

O senhor Smith vem ali, de cinco em cinco anos,
segundo o velho hábito dos Smiths.
Assiste da janela a uma *cargação*,
dizendo «good !, good !», enquanto bebe a delícia
por copo alto (os cálices são para os portugueses)
ou então vai-se até a um pomar,
enfiado numas botas amarelas
e ruminando dourados pensamentos.

Quando se despede, o senhor Smith não tem boa cara :
A quinta hoje não *dar* resultado.
Enfim, «my friend», *ser* preciso vender a quinta.

(Poemas Durienses)

Vista parcial duma aldeia duriense

Há nesta aldeia oitocentas almas,
mas vinte, pelo menos, têm o corpo
lá longe, em terras de África. É a guerra.
As cartas vão chegando como sopros.

Chegam as cartas e algumas notas de banco.
O sô Manso já comprou um fogão a gás.
Enquanto o filho arrisca a pele, ele
vive um pouco melhor. Coisas da paz.

De lá perguntam como vai a cava,
se as raparigas têm paciência, claro!
se o vinho é bom, se os filhos obedecem.

Aqui, o dia vem depois da noite,
mastigam-se as ideias com o caldo
e, às vezes, as mulheres empalidecem.

Pinhão, 8,20

Em Junho a fruta começa a apetecer.
Um homem passeia no cais e debulha
uma nêspêra com ar de quem faz horas.
8, 20 — diz o relógio. Espera-se.
O combóio, um monstro de cem bocas,
pardo e caduco, fumeja lentamente
como um charuto abandonado.
Manhã de vidro, vê-se a montanha,
tem de se ver; e sabe bem
pôr os olhos lá no alto e deixá-los
escorregar pela vinha, deixá-los
de penhasco em penhasco, até à ponte
de coxas graníticas e feias.
O homem da nêspêra está junto
duma gaiola de pombos correios.
— Não bula — diz um carregador
com ar de presidente da República.

Caixas, molhos de alface, um cabaz
de cerejas, sacos e mais sacos
e um bando de pardais numa roseira.
Continua a esperar-se. Pouca gente.
Os homens de fato-macaco olham-nos
como a encomendas sem valor.
O que importa — está-se mesmo a ver —
são as caixas e os sacos. Caixas e sacos.
O homem da nêspira tem bigodinho grisalho.
Lá anda ele. Pôs um cigarro na boca
e os olhos num rapaz que toca gaita de beijos,
cara ao alto como se olhasse um avião.
O rapaz tem certas semelhanças com o Marceneiro
e uma flor vermelha no casaco desbotado.
Que fresca melodia correndo
aos saltinhos pelo pavimento
de cimento e enrolando-se toda verde
num ramo de laranjeira e crescendo
crescendo como um fruto dourado!
Partiiiida — grita uma voz de lâmina.
Partiida. Volto-me. Lá se foi o homem da nêspira.

Carta a João Cabral

Li num teu livro (e senti-o)
que o Capibaribe é cão.
Pois o Douro é um rio gato
e o seu arranhar é tão

preciso que rói, corrói
sucessivo, o que já estava.
Ah se ele roesse apenas,
dentro da que é sua casa!...

O pior é quando as unhas
brotam ao longo do dorso:
arranha fora do alcance
e ei-lo todo em nosso corpo.

Falta a água, o sol abafa;
estamos em pleno inferno
de suor que, pouco a pouco,
esvazia o pensamento.

Vem aqui, João Cabral;
traz tua faca só lâmina.
Sem cabo, mas punho humano;
e que ela bem comandada.

Não tragas verbos de seda,
avi-gaviões de círculos.
tuas rosas de engenheiro:
esse é outro paraíso.

Tua faca, sim, a lâmina
que talhou o Severino
e que pode um (não o) rosto
verdadeiro deste rio.

Então, Cabral, tu verás
como estas unhas rochosas,
demonstrativas, laceram,
felinas, aquelas rosas

diamantinas que de cima,
do avião apareciam,
e que o suor e que a raiva
quantas vezes exterminam.

A Régua

A Régua
assemelha-se
a um pensamento
com
suces-
sivas ideias
prestes a entrarem
nos lábios
do rio.

Poema com história

Éramos seis na gare da estação.
Lá ao fundo, encostado à parede,
só, magnífico, a perna esquerda em triângulo,
um rapaz tocava concertina.
Um homem de calças engomadas lia o jornal
e falava. Falava de guerra.
«Que se matem. Uns e outros são contra nós»
— comentou um velhote com ar de regedor.
«Hindus e chins?! Tudo uma corja»
— sentenciou o das calças engomadas.
«Isso, isso. Corja. Lá se avenham».
Uma pomba voava sobre o rio.
O chefe da estação e o carregador
tinha-se afastado, prudentemente.
«E ao senhor que lhe parece?» — atirou-me
o letrado das calças engomadas.
«Que uns e outros são nossos irmãos».
No silêncio que se seguiu, a concertina
instalava na gare uma flor de poesia.

(Os Homens cantam a Nordeste)

Benvinda sejas, doce Primavera...

A Primavera veio hoje e passou
por aqui a dizer-me que chegara,
no assobio do melro que a saudou
e na fragância leve, fina, clara.

Tivesse saúde e iria, ao sol-nascente,
vestido de ramagens, frutos, flores,
depor-te, Primavera, o meu ardente
beijo nos férteis seios prometedores.
(Assim até me sinto mais doente
e abafado entre fofos cobertores.)

Porque seja eu embora um seco ramo
desprendido da árvore da vida,
sinto-me reviver no amor com que amo
a beleza da terra re florida
e nos frutos que a madre-seiva gera ..

Bem-vinda sejas, doce Primavera...

Cadáver...

O cadáver resiste
às vagas que o arrastam para a barra:
— cabeça
no gesto de quem mergulha,
os pés
no gesto de quem se agarra...

Note-se que os extremos do cadáver
travaram luta :
cabeça, dentro da água,
os pés, na praia enxuta.

E os braços, que flutuam,
quando a onda os arremessa
vão escrevendo o epitáfio :
«Os pés se recusaram
a seguir a cabeça...»

Na papeleta branca...

(Fragmento da III parte de «Hemoptise»)

Na papeleta branca, a negra tinta,
o médico escreveu :
«De noite vigiai o quarto trinta».

E eu
(que sou o tal
de quem a ficha reza mal :
sangue pelo nariz
e pela boca,
olhos febris,
magrinho como a roca,
febre a quarenta,
já se não tem de pé, não consegue dormir,
não se alimenta
e está sempre a sorrir, a sorrir, a sorrir,
como se alguém
lhe acenasse de Além
... do céu...)

E eu,
repito,
no silêncio do quarto supradito
vou cantando qualquer velho responso
do meu já gasto reportório insonso:
«A minha vida era uma flor
viçosa, forte e bem nutrida
— deu-lhe o micróbio na raiz
murchou a flor da minha vida...

Meu peito, doirado cofre
sempre cheio de sonhos loucos
— entrou contigo a ferrugem
vais-te desfazendo aos poucos!

Era um belo, um rico fruto
o meu jovem coração
— hoje, tocado do bicho,
está aqui, está no chão!

Sonhador que tanto sonhas,
mais sonhos não idealizes
— de que te servem as folhas
se te secam as raízes?»

.

(Hemoptise)

Ser ou não ser...

Ser ou não ser ?
O tormento
Do príncipe da Escandinávia
Ganha em mim novo sentido
Que não tem sentido algum...
Alguém que fala na sombra,
Que eu não conheço e pertence
Ao meu mundo interior...
Palavras a que eu empresto,
Com o sangue das minhas veias
E os tormentos da minha alma,
Uma expressão que não têm.

Ser ou não ser ?
Um silêncio sem remédio
Abre as torneiros do tédio
E afoga-me em solidão...
E, sem querer, eu repito
Essa expressão sem sentido
Que o tempo não apagou :
Ser ou não ser ?
E orgulhoso respondo
Como uma provocação :
Eu sou.

Meu peremptório destino
Que consente tais revoltas
E que atas os meus pulsos
Com algemas siderais,
Se assim afirmas que sou
Porque não deixas que eu seja
Como os mais ?
Meu peremptório destino,
Talhado por outras mãos,
Não tive culpa nenhuma
Nem fiz nada p'ra nascer...
Porque esta dúvida agora
Esta expressão já delida :
Ser ou não ser ? ..

Pedi emprestada a Vida,
Dei a Morte em garantia...
Por que me cobram os juros
Dia a dia?
Por que é que exigem de mim
Que eu creia no que acreditam,
Que faça o que eles fizeram?
Porque é que exigem de mim
Que pague o que me não deram?

E eu que sonhava coisas impossíveis

E eu que sonhava coisas impossíveis
Fui castigado pela vida e tive
Um oceano de decepções ..
A multidão apedrejou-me,
Chamou-me louco e outras coisas mais...
Mas ninguém quis matar a minha fome,
Esta fome de coisas irreais !...

Fui correr mundo esplêndido e sozinho,
Só com o vento como companheiro,
E o farol da quimera a iluminar-me ..
E nasceram-me urtigas no caminho...
Fui repellido como um estrangeiro
Por tudo aquilo a que queria dar-me!...

O mais pobre dos pobres que ainda havia
Por covardia
Recusou a esmola
E até essa que mora
Entre as celestes coisas impossíveis,
Exigiu-me também, soberba e fria :
— Dá-me o teu sonho, para o deitar fora...

Recusei-me e parti.
Meu companheiro, o vento,
Meu fiel companheiro desolado,
Continuou a gemer a minha dor,
A minha inútil dor, em tudo... em tudo...
E eu, indiferente ao seu tormento,
Continuava mudo
Sempre a sonhar coisas impossíveis ..

E nem a Vida que ensinava os mais
Com sua experiência repetida,
A sua sábia e triste imitação,
Que torna os homens iguais,
Nem mesmo a Vida,
Até a Vida procurou em vão
Que eu não sonhasse coisas impossíveis! ..

Quando a Morte vier, branda e funesta,
Vestida de tristeza e escuridão,
Beijar, silenciosa, a minha testa
E parar, subtil, meu coração,

Não é a ti, oh meu amor, que eu quero
Junto de mim, chorando a tua mágoa.
Como num jardim em desespero,
Um ramo cai, por sobre um fio de água...
Oh não! Não é a ti... mas sim Àquele
Que, louco como eu, o torne eterno
Tomando-o, em suas mãos, meu sonho inútil!
Alguém como eu,
Alguém que sonhe coisas impossíveis...

Balada da amizade

És tu, decerto, o meu melhor amigo,
Decerto aquele a quem eu quero mais...
E quanta vez a conversar contigo
Só por heróico esforço é que não digo
Palavras violentas e brutais.

Sei que és leal e que desejas tudo
Que de feliz me possa dar a sorte,
E, quanta vez, num sofrimento mudo
Sinto (e é em vão que o meu desejo iludo!)
Que apenas posso desejar-te a morte.

E tu que és o meu melhor amigo
Em certas horas sentes, como os mais,
Um ódio lento, persistente, antigo,
E há nos teus olhos, para meu castigo,
O brilho inquieto e torvo dos punhais...

(Evasão)

Vida eterna

Contento-me em saber que os meus desejos
Hão-de levar-me um dia pelo espaço,
Como quem leva amor metido em beijos
E camélias sanguíneas no regaço.

Meus olhos hão-de ver pelas estrelas,
O meu sonho há-de abrir-se, mais extenso;
E Deus virá trazer-me, em caravelas,
O segredo das coisas em que penso.

Enfloram-se-me as lágrimas em goivos!
A dor desfaz-se num sorrir de noivos,
Que os meus sentidos molham nos perfumes...

Como criança ao darem-lhe um brinquedo,
Também eu brinco, alegre, sem ter medo
De subir aos jardins dos vagalumes.

«Caminhos de Fogo»

Sou filho da distância...

Sou filho da distância que me prende
Ao centro da beleza do passado,
Raio de Luz brilhante que surpreende
O meu ser imortal, imaculado.

Milagre sou; e tudo em mim transcende,
Na graça de vidente iluminado;
Tudo em mim se dilata, alonga, esplende,
Para além da mentira e do pecado.

Eu li a minha história não sei onde;
Nalgum livro que o mal, teimoso, esconde
Aos meus olhos sedentos de beleza.

Esqueci-me — esquecer é quase a morte! —
E, desde então, lamento a feia sorte,
Perdido na saudade e na tristeza.

(Em «O Diabo» de 28/6/1936)

Cidade morta

Não posso mais suportar
Este silêncio com olhos
Da tarde que vai morrendo,

E o ar de pasmo das casas,
E as ruas onde passaram
Os últimos habitantes...

— Ai, Hora de horas perdidas!
Ai, rio de águas corridas
Que lá vão indo distantes!

Só eu fico no silêncio
Da tarde cinzenta e baça
Como impassível estátua
Abandonada na praça.

Só eu fico, preso e absorto,
Neste esperar sem esp'rança
De quem ergue as mãos aos astros
Sabendo que os não alcança.

Eu fico, mas tenho medo
Quando chegue a noite fria;
Medo das bocas das sombras
Abertas à luz do dia.

Tenho medo! Vou gritar!
E grito... Mas de tal jeito,
Que o meu tormentoso grito
Não sai de dentro do peito!

(Em «Primeiro de Janeiro» de 24/10/45)

Êxodo

Para trás é o fogo na cidade;
é ficarmos de pedra no caminho.
Para trás não há pontes,
o rio não tem margens
e as águas abandonam nos ciprestes
o cabelo dos náufragos.

Partiremos no tempo
além das horas fátuas.
Iremos de mãos brancas como círios
no negrume das noites por abrir,
lá onde o nosso cântico liberte
o sono das estátuas.

(Em «Setentrião» n.º 1)

Guerra e paz

Foi a seta mortal
no dorso da gazela
e uns olhos de pavor
cem vezes repetidos;
foi teu rasto de cinza
por sobre o campo verde
e as mãos que se dobraram
nas asas dos insectos;
foi o último ódio que floriu;
foi um rubro clamor
ardendo na cidade;
foi teu punho fechado que se abriu
para sair a abelha em liberdade!

(Em «Setentrião» n.º 2)

Perfeito é o príncipe

Perfeito é o príncipe
morto nas ogivas
do templo abandonado triste e só

As nuvens dizem promessas
de cavalos soltos no espaço inundado
de príncipes perfeitos
nas ogivas mortas
baladas longínquas dum amor não acabado

Uma vela acesa e o corpo abandonado
onde estão os servos?

e os irmãos do rei?

e as trombetas de caça?

Uma vela acesa e corpo abandonado...

Canção III

Desejo-te inteira no falar dos sonhos
e nas escadas verticais junto dos olhos
desejo ter os lábios no teu peito
colhendo malmequeres
nos relevos do teu corpo

A nuvem ou um barco não importa
ó imortal segredo de mágicas palavras
ó falso abrir de bocas em íntimos receios!

Desejo-te renovada e sempre-em-fogo
enquanto florirem os desejos
nas cordas brancas
de guitarras naufragadas

(O Perfil da Estátua)

Resistência

Antes do primeiro dia
virão horas de morte

horas de luta
Antes de tu mulher tu amiga tu companheira
abrangeres com esses olhos de antigas lágrimas
uma planície ou uma montanha renovada de flores
virão assassínios prisões desfiles e pedidos de Paz

Depois mulher serás mulher
eu serei o teu companheiro no trabalho
e nossos filhos hão-de sorrir ao tempo da fome das perseguições e da
imprensa clandestina

Da fábrica — da magnífica fábrica do amor e da liberdade
hão-de sair tractores com grinaldas de novas esperanças
A ceifa a vindima os teares as oficinas os bancos das escolas as
maternidades

tudo será a maravilha dos novos tempos

Tu mulher tu jovem mãe trabalhadora
eu poeta desempregado
nós habitantes todos da cidade-presente
sonhadores da cidade-futuro
seremos os construtores da fase primeira
nossos filhos terão sob os pés as pedras dos túmulos
nos olhos uma bandeira desfraldada

Somos de pedra

Somos de pedra nos braços das estrelas
e todos os dias temos um caminho a percorrer.

O caminho vai ter a uma parede
onde desenhamos o nosso rosto
e depois beijamo-nos demoradamente.

É vulgar saber-se que amanhã somos oiro,
e por vezes apenas um nome,
um nome que é túmulo,
ou simples folha de papel,
onde tu e eu esperamos ler
a futura liberdade.

(Em «Saturno» n.º 2)

Muita coisa eu sei

Muita coisa eu sei desde o anoitecer:
palavras que ferem e queimam,
nitidas como sal dentro dos lábios.

Muita coisa eu sei: casas sempre vazias,
olhos com temor nocturno,
altos segredos nas mãos crispadas,
fome de pão, amor e paz.

Sabemos uns e outros muita coisa,
contudo quantas vezes fechamos as janelas
ao mel e sangue nos vidros da memória.

No preciso momento de abrir os braços

No preciso momento de abrir os braços
havemos de encontrar uma flor de giesta
É a flor de Maio muito Antes do tempo devido
é o sinal preciso e bastante — é o GRANDE SINAL

Quando encontrarmos a flor de giesta a flor de Maio
virão as manhãs serenamente encostadas aos ombros das crianças
os operários e os camponeses retornam à oficina e ao campo
os namorados lançam-se nos seus duplos braços beijando-se novamente
por entre os lábios
e as mães que tiveram os filhos no exílio
unem as vozes ao coro do povo vitorioso

Enquanto não encontrarmos a flor de giesta a flor de Maio
ela florirá secretamente no segredo dos livros proibidos
nos leitos pobres de pensão
nas cartas dos amantes
nas ervas dos campos
nas alavancas das fábricas
na quietude dos animais familiares

Para além da árvore com limões

Para além da árvore com limões
as casas erguem-se desafiando o medo.
Uma tranquila mensagem de amor renasce em nosso corpo
e nem as grades conseguem quebrar a interior harmonia.
Renascem os campos e as folhas de papel
antecipando-se à breve Primavera;
o sol, o sol do dia a dia, em lentas carruagens
percorre os olhos e entra pela boca.
Não há o vinho necessário às mãos, nem a janela contém bandeiras,
não há mulher, nem o oiro dos seus seios,
mas continuamente existe o desejo,
o querer reaver os objectos roubados,
a quente satisfação de sermos integralmente nós e sempre nós.
Não há ponte sobre o mar
mas a força de a querer.

(Em «Poemas Livres» n.º 2)

Óleo queimado

Neste tempo de sombras de cafés, tardes de suborno e esquecimento,
o sabor da derrota é sabor a ódio.
Em nódoas de Verão, horas de vigília e reconquista,
breves palavras antigas ou baladas
conferem ao desejo um único esforço.

Semelhantes a frutos, lâminas solenes,
vamos diariamente marcando a morte das crianças,
essas pequenas esperanças de súbita luz
onde o ferro, a água, o nascer dos dias,
combinam em si o desdobrar de pálpebras.

Neste tempo de fotografias em que inválidos, deformados pelo sono,
dirigem a cansada época da basuka,
do óleo queimado,
maçã roída.
árvore enfeitada de enforcados,
ombro a ombro, há quem fabrique um país de tractores floridos,
campos e cidades perfuradas por linhas de pão e amor.

O mar é habitação com recentes ondas,
chegam até nós folhas límpidas, serenas,
o sal cobre secretos jornais,
Nas praias,
margem com dunas vigiadas,
vamos trocando alguns sorrisos, frases de
alegria,
conchas retocadas a vermelho.

Eu ando por entre os homens,
sílabas de memória,
proposta de coragem.
Com ternura afago os objectos simples,
berlindes, moínhos pedras,
mulheres com medo junto aos olhos.
Vagamente soluço — eu ando por entre os homens —
e as mães do meu país
são as minhas mãos
e o eclipse é onde estivermos todos.

(Em «Labareda», suplemento de «O Templário» — Tomar)

Corpo terra

São erva fresca são como sinais no espaço renovado
são negros cabelos desvendados soltos e são folhas
São com vento dourados ou vermelhos
e podem ser cordas que se entrançam ou seda
e podem ter laços lenços grinaldas
Recolhem-se multiplicam-se
fogem pelos ombros mostram o pescoço
Cabelos abertos numa tarde ao mar
caídos junto ao dorso das plantas

.....

Tantos jardins à espera das crianças!
Tantas fontes aguardando os beijos dos amantes!
Templo e taça por onde bebo o sangue
dos teus lábios A tua boca na minha boca

Alimenta-me meu amor com o som
das mais breves frases
com o verde verde
de imorais carroças vadios patriotas
alimentando-se também
com folhas de tabaco e harmónios
Iremos com esses eternos vagabundos
acender uma praça um canal
todo um país
Que nos importam os serenos cavalos
os muros abertos pela chuva?
Não será verdade que escolhemos
uma estrada de lábios
um lugar multidão de beijos?

.

Eu falo de um claro corpo de terra e sol
canto o amor grito amor
pois a mulher é claridade é tudo
o que pensamos querer na Paz dos tempos
Ternamente eu digo amor na intimidade
de cúpulas salgadas Recordo
as mulheres guerreiras fabuloso
povo de amazonas mutilando o peito
Falo dos peitos que se erguem
e na sua curva de desejo são enseadas
frescas abóbadas latejantes
A grande jornada começa
em volta de um peito de mulher
Perfuramos arcas fecundadas e do bojo
deslocam-se excelentes fugas perpetuadas
de geração em geração
Eis que na mulher doem os peitos
de tanto prazer encontrado
Ó vinhas destruídas pelo vento
pequenas cidades adormecidas à beira dos montes
marinheiros vogando mortos
nos abismos onde não chega um olhar!
Olhai de súbito o inesperado peito da jovem
Como cresce como se alimenta de beijos!
O vinho o leite seus mamilos róseos!

Como tudo isto é o grande movimento
o palco giratório de duzentos espelhos facetados
Transmigramos somos a fúria o sêmen
e nos peitos permanecemos amor amor!

.

Entre o fogo e o vento semeio a voz
já rouca de miríades de constelações poeira
a arder nos olhos A voz dos símbolos
o leão o golfinho o magnetismo do irmão do rei
a natureza animal o rosto do iniciado
E a mulher floresce abre-se
incendeia-se de novo e não há mistério algum
Terra arável ritual
de atravessar as águas Mulher
em que o ventre se ilumina
de onde saem outras vozes Sublime
criadora rasgando o próprio ventre
Amante destruindo poeira Ó grande estrada
que nos dá o culto da pedra e da flor!
Sexo desenhado a medo agitando o mar
é o próprio mar a origem do mar
Sexo que se transforma acolhe
respira como o trigo é o santuário
onde se quebram hímenes
Deuses lançam secretas palavras
é impossível conhecer os mistérios de Eleusis sem morrer
E contigo nada é impossível
vida mel transportadora
de sinais cabalísticos na curva do ventre!
Ah! como o espasmo é alegria mudança de nome
Um corpo de mulher aberto ao nosso corpo!

.

Na erva na areia mesmo na madeira do quarto
os pés são quase o início
Empenho-me em mostrar folhas e folhas

claríssimas mulheres caminhando
levemente emocionadas de serem mulheres
com o peso do seu mágico transbordar
de óvulos casas volantes emigrações em massa
Ela a mulher a nossa companheira
vem com os pés plenos de chuva
interior chuva cansada e chove o medo
de se perder este adorável corpo

Assim fico parado quando olho
os pés da mulher amada
Pés que nos recolhem também acariciam
apoiam-se em nós caminham fogem
correm pelo tempo por vezes são violinos
há neles um som de Primavera descalça

(Fragmentos de «Corpo Terra»)

Pastorinha

Por ela, andou o Sol nos Horizontes,
Pelas tardinhas mansas a sonhar;
Como um pastor audaz transpôs os montes,
E longe, longe se perdeu no mar!

Quando da Serra, à noite, as altas fronte
Extáticas se põem a cismar,
N'um segredo de amor, a voz das fontes
Anunciou-o à doce luz do luar!

Ninguém na aldeia sabe d'onde veio
A linda pastorinha, mas eu creio
Que no seio da terra se criou:

Filha do Sol, da Lua, dos penedos,
Nos seus olhos azuis leio os segredos
Que outrora a Natureza lhe ensinou.

(Fonte Branca)

Beira - Doiro

(fragmento)

Ó serras da Beira-Doiro,
De Bagaúste ao Pinhão,
Sepultas, como um tesoiro,
Nas lágeas da solidão!

Ó terra toda aos socalcos,
Num jeito de anfiteatro. .
Onde o rio, lembra os palcos,
Na ativa Roma! Teatro

P'ra sortidas de reis tártaros,
Num furor de antigas eras...
Para espectáculos bárbaros
De cristãos dados às feras !

Terra vermelha, da cor
De sangue velho, aos coágulos...
Da túnica do Senhor,
Nas ogivas dos retábulos !

Com silveirais em anéis,
De rojos, como os escravos,
Onde dormem as cruéis
Matilhas de porcos bravos !

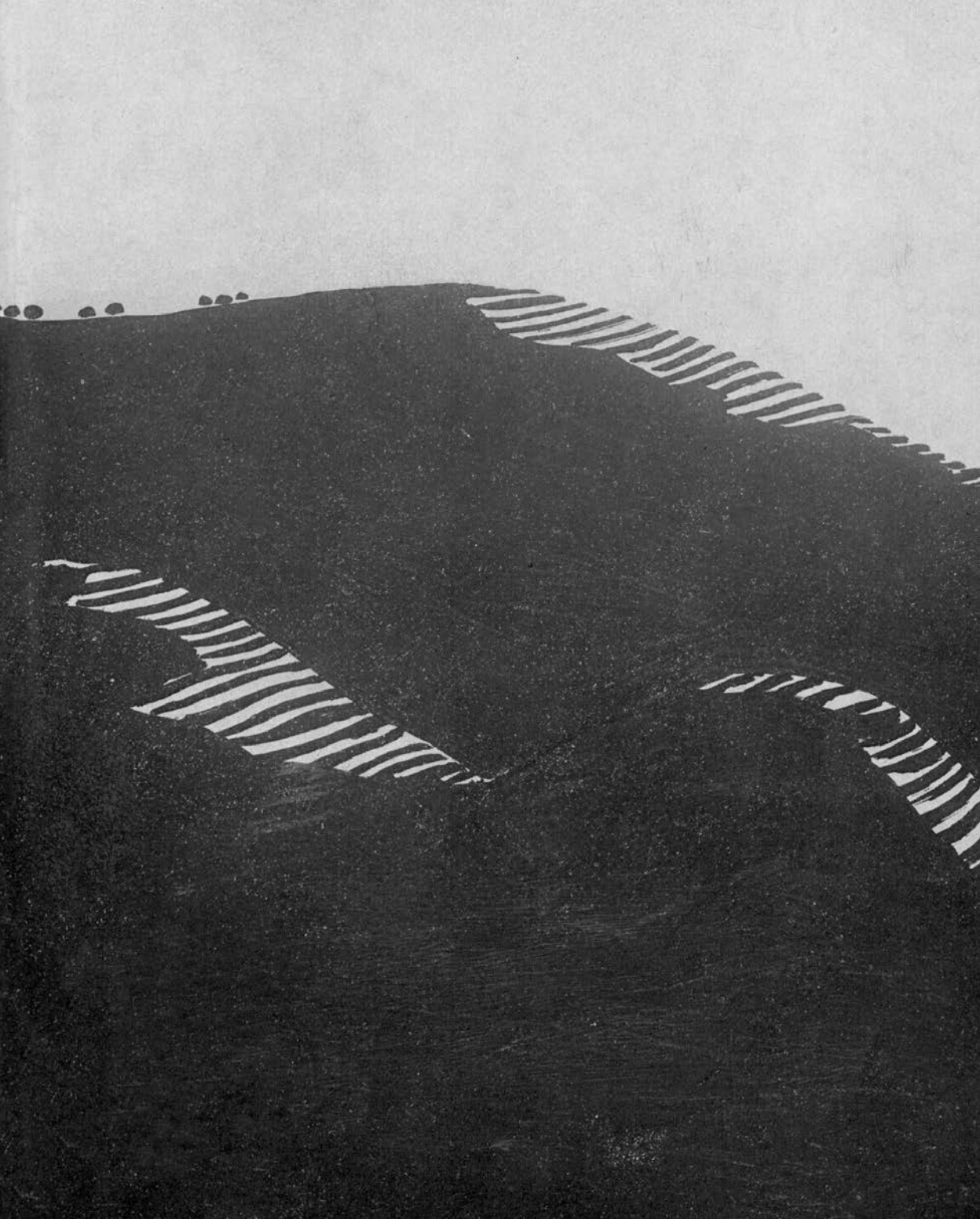
E bosques de medronheiros,
Donde pende um fruto rubro,
Quando morre em seus mosteiros
«Velho monge...» o mês de Outubro...

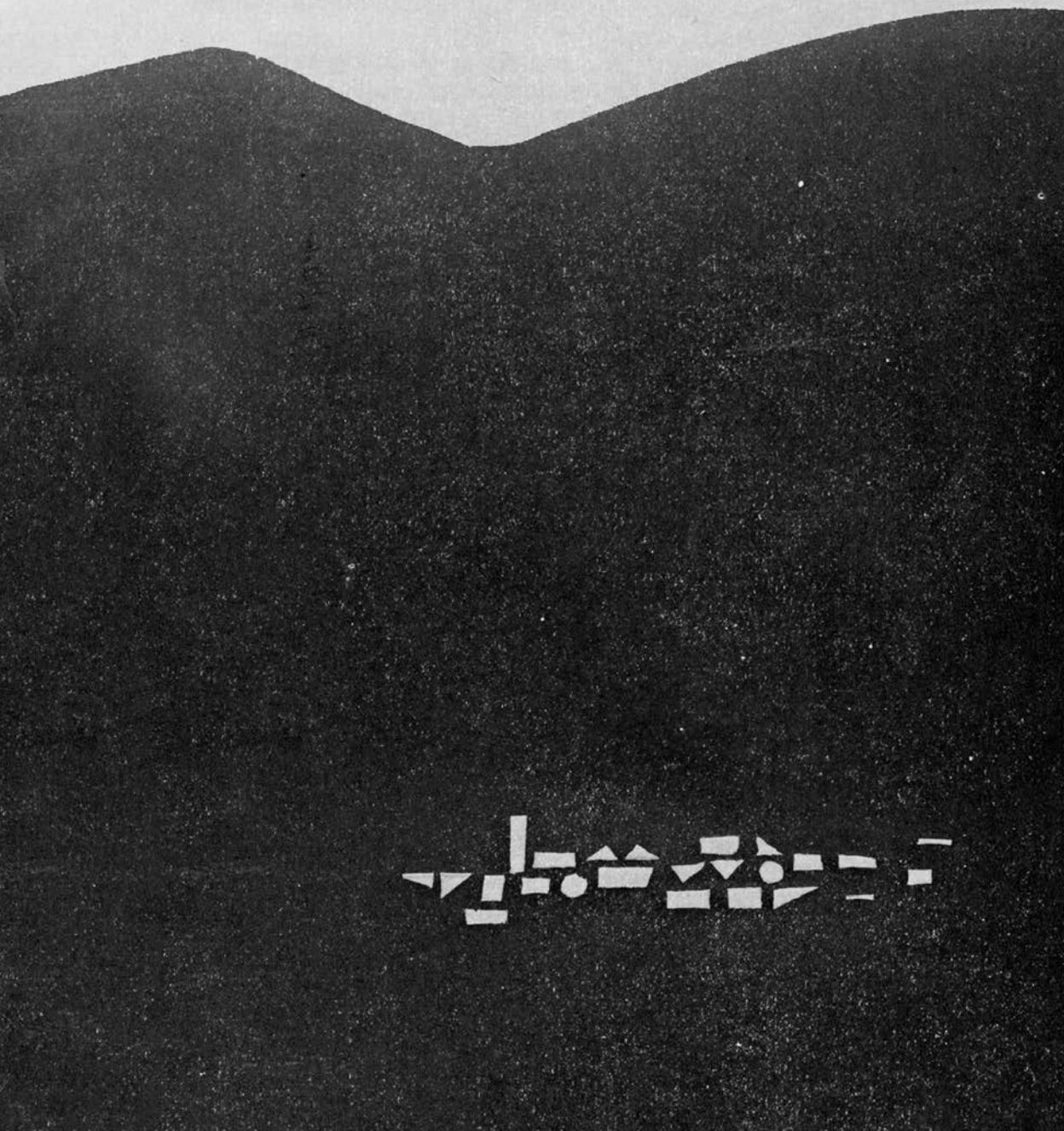
Ó terra do vento Sul,
Dos sóis ardentes de lava,
Abrindo na derme azul
Em virulências de chaga !

Dos nevoeiros suspensos,
Esparsos em fumos brancos,
«Erguidos como os incensos,
De ermos, profundos barrancos,»

Que ante a carícia fremente
Da doce luz matutina
Se elevam misticamente
Para a presença divina
Do tenebroso Marão,
Grave e soturno e despido :
Imagem dum deus pagão
Em bronze eterno esculpido !

(Síntese)





Visão

A nobre dama japonesa tinha,
Na grande praça dos «Restauradores»,
Tinha uma leve e esbelta figurinha
Sob um quimono verde de flores...

Tinha o ar grácil da miniatura
No vaso grego da feição mais pura...
Olhos negros de fogo e de abandono,
A viva timidez de ave ferida,
Mãos de princesa que subisse ao trono,
Dois pensos niveos sobre as minhas dores!...

Foi há três anos .. 'inda nela sonho!...
Ditoso aquele que lhe desse a vida
Dum culto breve de imortais amores!...

(Solstício)

Canção da donzela morta

Que tristeza me faz o teu jardim!...

Saudoso da carícia dos teus dedos
Finou-se aquele branco amor-perfeito,
Que era bem o irmão gêmeo desse amor
Nascido na fundura do teu peito...

À tília
Queimou-lhe o frio a flor...
E as urtigas os silvedos
Invadem os canteiros,
Secaram os teus verdes jasmineiros!...

À acácia
Quebrou-lhe o vento os ramos;
Na relva
Crescem ervas. .
E as rosas orvalhadas
De mágoa põem-se a chorar por ti
Quando nascem as brancas madrugadas!...

(Voz Nua)

A trovoad

Fora uma trovoad como nem os mais velhos se lembravam. Durante a noite toda chovera e atroara. E a ribeira crescera, crescera e ouvia-se na aldeia a bater furiosa pelos fragaredos abaixo. No dia anterior o tempo estivera calmo e soalheiro. E de repente

Vermelho e quente caminhava o sol
O sol caminhava quente e vermelho
Caminhava o sol vermelho e quente
E as plantas cresciam com o seu calor
Pelo céu sereno iam nuvens brancas
Nuvens brancas iam pelo céu sereno
Iam nuvens brancas pelo céu sereno
Vermelho e quente caminhava o sol
Trabalhavam lentos os homens curvados
Os homens curvados trabalhavam lentos
Curvados os homens trabalhavam lentos
Pelo céu sereno iam nuvens brancas
Não aparecia o vento calado
O vento calado não aparecia
Calado o vento não aparecia
Trabalhavam lentos os homens curvados
Com esse calor as plantas cresciam
As plantas cresciam com esse calor
Cresciam as plantas com esse calor
Não aparecia o vento calado

Para negro vivo o céu se mudou
O céu se mudou para negro vivo
Mudou-se o céu para negro vivo
E caíram grossas as primeiras gotas
Por detrás das nuvens o sol se encobriu
O sol se encobriu por detrás das nuvens
Se encobriu o sol por detrás das nuvens
Para negro vivo o céu se mudou
No seu trabalhar pararam os homens
Os homens pararam no seu trabalhar
Pararam os homens no seu trabalhar
O sol se encobriu por detrás das nuvens

Com voz de trovão gritava o vento
O vento gritava com voz de trovão
Gritava o vento com voz de trovão
No seu trabalhar pararam os homens
E as primeiras gotas caíram grossas
E grossas caíram as primeiras gotas
E caíram grossas as primeiras gotas
Gritava o vento com voz de trovão

No seu caminhar vai grande a ribeira
A ribeira vai grande no seu caminhar
Vai grande a ribeira no seu caminhar
Já nada darão as hortas varridas
Ao carvalho grande o raio fendeu
O raio fendeu ao carvalho grande
Fendeu o raio ao carvalho grande
Vai grande a ribeira no seu caminhar
Nas casas sem telhas vê-se o luar
O luar se vê nas casas sem telhas
Se vê o luar nas casas sem telhas
Ao carvalho grande o raio fendeu
Quantas se perderam das ovelhas mansas
Das ovelhas mansas quantas se perderam
Das mansas ovelhas quantas se perderam
Nas casas sem telhas vê-se o luar
Já nada darão as hortas varridas
As hortas varridas já nada darão
Varridas as hortas já nada darão
Das ovelhas mansas quantas se perderam

E as notícias continuavam a chegar. O tio Luís, pastor do Doutor tinha sido apanhado por um raio. Vinha negro como carvão. Deixava mulher ainda nova e um filho por nascer

Na noite tão negra, de raios de luz
Luzindo na noite
Na noite tão negra, de raios de luz
Meu homem ficou
Por horas perdidas, metida em casa
Ouvindo os trovões
Por horas perdidas, metida em casa
Meu homem lá fora
Pensando no filho. que trago no ventre
Agora sem pai

Pensando no filho, que trago no ventre
E o pai lá ficou
Meu homem pastor, perdido na serra
Sòzinho na noite
Meu homem pastor, perdido na serra
Meu filho à espera
Vieram dizer-me, na noite tão negra
De raios de luz
Vieram dizer-me, na noite tão negra
Seu homem ficou
Vieram dizer-me, a horas perdidas
Ao som dos trovões
Vieram dizer-me, a horas perdidas
Que o pai lá ficou
O filho que eu trago, agora sem pai
Sòzinho na noite
O filho que eu trago, agora sem pai
À espera ficou
Fiquei sem marido, meu filho sem pai
Na noite tão negra
Fiquei sem marido, meu filho sem pai
E um homem sem vida
Na noite tão negra, de raios de luz
Luzindo na noite
Na noite tão negra, de raios de luz
Meu homem ficou

E o tio Centeio fora apanhado na azenha. O rio cres-
cera de repente e ele não tivera tempo de fugir
Durante três dias o procurámos
A mulher andava como doida

Quando o rio cresceu
E engoliu a azenha
O moleiro morreu
Ao fim de três dias
Não tinha apar'cido
Nem nunca apar'ceu
E a mulher afirma
Que ele há-de voltar
Pois ele não morreu
E nas noites mais negras
Do rio mais grande

Ela grita no breu
Que o moinho parado
Não o pode vender
Pois ele não morreu
E os homens afirmam
E as mulheres comentam
Que não pode voltar
C'oa pressa que ia
De noite ou de dia
O rio não pode voltar
Mas quem o viu morto
E quem o enterrou
Já que ele morreu
E os homens calados
E as mulheres caladas
Só olham o céu
E a mulher afirma
Que ele há-de voltar
Um dia ao moinho
E a mulher afirma
Que ele há-de voltar
Pelo mesmo caminho

(Inédito)

Trás-os-Montes

Eu nasci, aqui,
Entre penhascos da serra,
Cheios de beleza que aterra,
E onde a urze e a luzerna
Se abraçam na mesma terra
E a mesma lei as governa.

Eu cresci, aqui,
Entre penhascos da serra
E gente que insulta a terra,
O Deus, os homens, a sorte;
E onde o amor e a lealdade,
Como a luz e a verdade,
Os dá a vida e leva a morte.

Eu vivi, aqui,
Entre penhascos da serra.
Cheia de beleza que aterra,
E onde a urze e a luzerna
Se abraçam na mesma terra
E a mesma lei as governa.

(Seara)

Cântico panteísta

(fragmento)

Todos os anos a primavera traz uma força que revivifica
a natureza
As árvores rompem a carapaça endurecida pelo inverno
Com a pujança delicada dos novos rebentos, que se transmutam
em folhas e em flor.
O pólen fecundando a flor, mata-a.
Só pólen é a razão de ser da beleza e do aroma da flor.
Criar e morrer na natureza é o mesmo.
Que a flor será no fruto,
O fruto será na árvore,
E a árvore será no fruto e na flor, nas folhas e na raiz.

Quadro

Os homens estavam encostados ao muro escurecido pelo tempo
e polido pelo roçar diário dos corpos.
Por detrás do muro, bem uns vinte metros abaixo,
Havia a estrumeira local, onde as mulheres vinham deitar os
dejectos de toda a existência humana,
Havia até um velho ressequido e gasto, recolhendo papel
para um saco.
Mas os homens não viam o velho ressequido e gasto, recolhendo
papel para um saco.
Mas os homens não viam o velho, nem sentiam o cheiro,
Porque aquele era o local mais soalheiro do lugar,
E depois. .
Havia logo ali em frente a tasca do Barbaças.

Mesmo quando chuviscava, se não havia vento, os homens ficavam
ali fumando e conversando de guarda-chuvas abertos.
Se alguém aludia à chuva
Os homens olhavam se uns aos outros, estranhos.
Às vezes, desistiam de ali estar e iam para o Barbaças,
Outras vezes, ficavam sentindo o desconforto da chuva caindo.

(Negro Sobre Negro)

Marão

Deslumbra-me a grandeza da montanha
No seu pesado sonho de granito
A libertar-se, em convulsão estranha,
Da própria terra em ânsias de Infinito!

Atira para o azul aquele grito
De silêncio que a noite desentranha
E fica a arder, como um clarão maldito,
Na treva em que mais grita e mais se entranha!

Marão, lavrado púlpito dos ventos
Pregando desesperos e lamentos
No solene ritual das tempestades!

Marão a terra toda transmontana
E a sua extraordinária noite humana
Sonhando altura em doidas claridades!...

Terra Transmontana

Ó terra transmontana, ó minha irmã!
Ó mar de negras ondas que são penhas
A contorcer-se em convulsões estranhas
Na luz ainda sonho da manhã!

Ó altitudes onde a luz pagã,
Por cerros fragarosos de montanhas,
Rasga o seu corpo firme e as entranhas
Numa aleluia azul mais pura e sã!

Ó terra transmontana, húmus sagrado,
Irmão do pó volúvel amassado
Nas plasmadoras mãos do criador!

Prende-me a ti o verbo madrugante
Do próprio ser, no Génesis distante,
E eu não sou eu mas tu no meu amor!...

(Musa Antiga)

Testamento

Meu filho! .
— E à sua volta
O olhar anoescente,
Já sem brilho.
Acende na luz dúbia e tonta
Uma chama de revolta
E a mão tremente
A custo aponta
A velha enxada
A arder
Como um clarão de espada!...
— Meu filho, (são assim os ganhões
Ao morrer! .)
Deixo-te a fome herdada
De nem eu sei já quantas gerações!...

Trás-os-Montes

Ó meu vulcão de rocha, Trás-os-Montes,
Eu trago a alma cheia de paisagem,
Arde-me o olhar em febre na estiagem
Da mágoa que secou nas tuas fontes.

Alongam-se em saudade os horizontes,
Desfolham-se em lembranças pela aragem
E eu sou em mim a tua viva imagem
Subindo de joelhos os teus montes.

És máscara de bronze e de granito
Talhada a desespero em rocha dura?!...
Eu sou a dor humana do teu grito!...

Mas quando reflorescem tuas mágoas
Em comovidas ânsias de verdura,
Sou todo o canto em flor das tuas águas!...

Eu te saúdo velha Maria da terra

Eh Maria sem mar,
olhos cor da terra
de tanto a olhar,
trabalha duro,
trabalha,
remexe a terra
mil vezes mexida,
bate a enxada
mil vezes pegada
e faz do quase-nada
outra vez a vida.

Retrato

(Ao meu outro que sou eu mesmo)

Vejo-te embrulhado em brancas sedas
— pescoço envolto em leques de cetim.
Há mantos perdidos, nos roxos salões
de uma branca torre de agulhas de marfim.
Casacas doiradas doiram teu palácio,
com doirados sons de música violina
Cantam teus pagens a morta
saudade das tulipas mortas.
E eu vejo-te desvairado,
olhando o espelho grande
de um salão doirado,
em tua torre branca de marfim.
Sei-te rei no país em que vives
e escravo em terras d'outro sonho.
— Há lágrimas de círios em teus olhos.
E tu sonhas, tu sonhas ainda...

(O Sol e a Lua)

Sinfonia do vidro da carruagem

O silêncio quedava exuberante na paisagem
quando o grito do vento acordava os outros montes.
Passavam de mansinho velhas aves.
E tu, sentada, eras em silêncio
meu desejo aproximado.
Nascida a paz em nossos gestos
e em cores espalhava-se nos outeiros...
A chuva, brincando em sorrisos,
estalava nas vidraças e tecia lágrimas
em tua face de paisagem.
E quis amar-te com palavras que não tinha,
com desejos barrentos do rio que passava.
Mas a harmonia total era o silêncio
a que nos dávamos
sem palavras que abrissem nossos nomes
para o desejo comum desta paisagem.

Canto

Quero erguer-me
neste vazio onde me vejo,
num poema de frutos,
tecido do canto de flores,
como se esta solidão
fosse a música das colheitas
que baila ainda em cor
nas espigas das searas.

Uma esp'rança de velas
nasce em minhas mãos,
abrindo ondas de luz
no silêncio das areias
que fogem na dor das praias
de meus dedos.

Música em mim

A música gira
e em círculos longos vai rodando sobre o parque
num abraço de ternura intocável.
Abraçada à grande estátua
mergulha solene sobre o lago.
Os grandes círculos prendem os cisnes
que fascinados
são levados
na morte que chega.
Absortos, como também tocados pela luz,
cruzamos os dedos nos gestos comuns da esp'rança
e ficamos olhando, nos lagos onde os cisnes cantam,
o eterno azul dos nossos olhos.
E a música da chuva,
escorrendo pelos cantos do jardim,
chora nas folhas deste Outono
a dor longínqua que vai em mim...

(Seiva e Sangue)

Gesto oblíquo

Na desenvoltura da manhã
o canto débil dos pássaros
compõe
as póstumas canções do tempo.

E aquele rapaz de olhos verdes,
de rosto sereno,
vai chorando os desvãos
do desejo
nas últimas aberturas
que reflorescem dos campos
ao mar.

De cada pinheiro nasce
uma sombra,
de cada boca a flor da mesma flor
que se perdeu,

lírico sossego de azul
transparente de nós alegres.
Gostava das sombras leves
de quem ama.

Eu sou o velho
duma minha lembrança —
— finais canções do tempo.

Aquela gente
atravessa no meu porto infinito
com rumo
de tâmaras,
cor e sombras de flor,

sangue
em boca de música
fechando nos olhos
círculos de sorriso.

No meu porto cansado infinito,
as paisagens translúcidas,
o desejo ensanguentado
e o súbito silêncio contente
dos teus olhos

Apavora-me esta fixidez solene
das coisas que recolhem
deserto sem oásis,
onde a húrri passou peremptóriamente
sem flores...

Sobem muros de nuvens
a tactear o rumo.
Neles dura o meu olhar
sem saber, sem morrer
a inocência do lume.

Vem a noite
branca;
só a noite dá os astros, só a alma
dá rastros
e lábios que florescem de sangue.

(Vilegiatura do Dia)

Persianas

(fragmento)

Aqui na montanha as persianas são os espaço
a flor brava da luta
e o sonho que escondemos
como um pecado.
Sonhos com laranjas,
presos,
onde
as árvores da libertação e as praias do cansaço
abraçam pelos cabelos o farrapo que nós somos

Hoje, não.
Súbitamente urgente.
Vou dar de comer às tartarugas; enrodilhar tudo
no corpo dos polos
e ver estes peixes na água.
Pôr cristais nos pés, quando nos repetimos.
Cerrar os olhos fundamentalmente.
Podes falar de coisas maravilhosas;
que os muesins espalham dos minaretes
todas as mágicas luzes azuis;
que abrem no crepúsculo as delícias dos haréns;
podes trazer da água celideias
para as minhas espáduas.
Podes dizer que fugimos de nós próprios
para acordarmos as adormecidas esfinges
e nos exibimos.
Que nos olhamos só a nós
mais inexpressivos,
vazios
e ridículos.
E a burguesia rica tem medo
do riso puro e vegetalizado e dos abandonos.
Podes mas não fales assim.
Conta-me antes as tuas histórias
que me fazem julgar pequeno.

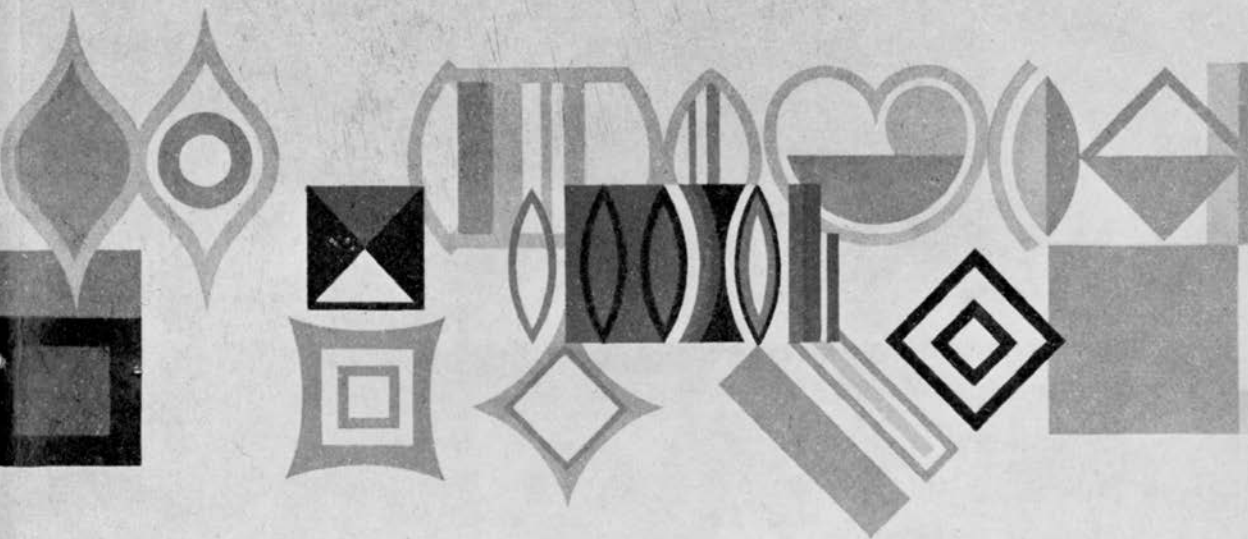
Vamos na libertação

(fragmento)

No luxo e entre figuras
com fome de intimidade,
 nos esqueletos ainda musicais;
 na transmissão elegante
 e na insignificância dos gestos,
 todos os dedos
 abrem uma canção mais suave.

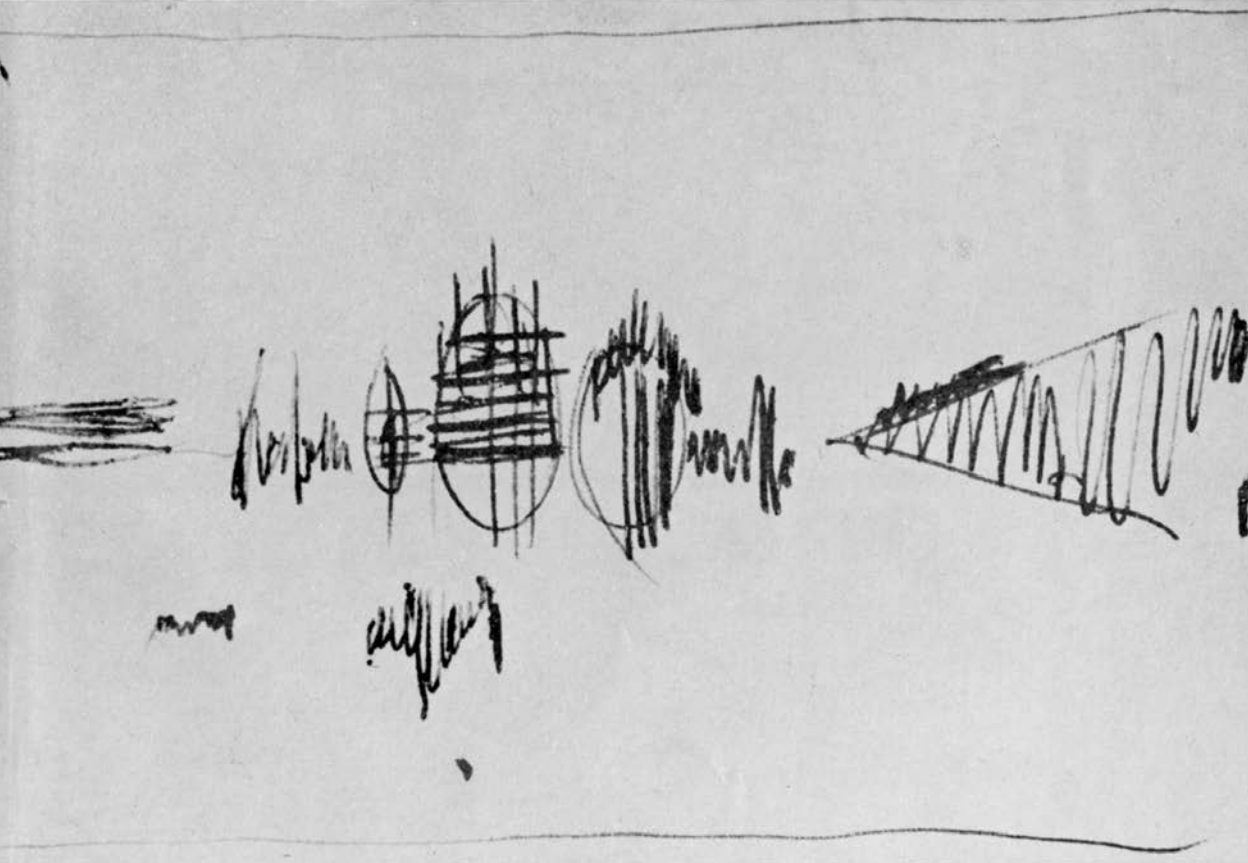
Nas conversas secretas
e quentes
dos cafês;
(Grande Trás-os-Montes do asco, do amor,
dos fogões de sala)
 nas fogueiras ao ar livre,
 onde rostos de homens, mulheres
 e crianças sorvem uma nesga de calor,
 alarga-se o desafio à noite.
Nos povos que lutam, nas rectas
para a montanha,
nas bichas dos automóveis pelas estradas,
está a cair neve.
E não há revolta
(apenas a revolta do pão e das canções
inúteis).
Mas pede-se um fim às coisas, ao riso,
às horas e um reverdecimento
à noite dos ossos.

(*Algas e Deuses*)



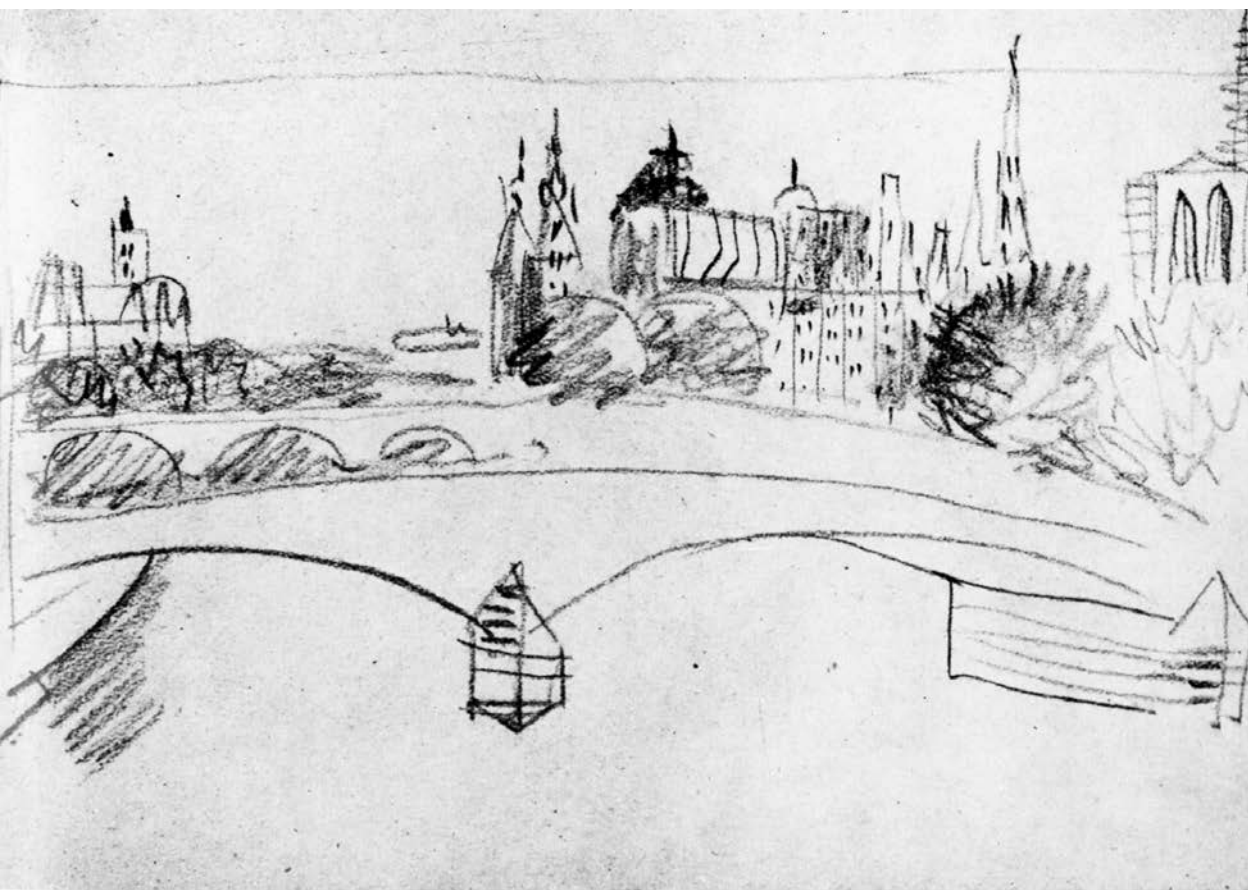
COMPOSIÇÃO

NADIR AFONSO



ESTUDO

NADIR AFONSO



ESTUDO

NADIR AFONSO

E o oráculo assim falou:

«Não tardará que rosa dos ventos
fora,
no ar, na terra e no mar,
de dia, de noite e a toda a hora,
fogo e sangue, sangue e fogo,
se vazem num clarão e charco
vermelhos,
em que tudo caia de borco,
velho, gasto e sem remédio.

E essa será a hora derradeira
do presente na remissão definitiva
do futuro,
em que um mundo morre
para que outro nasça em paz e em
justiça.

— Hora em que o homem finalmente em si descansa,
porque depois de tanto se haver procurado,
só então verdadeiramente se alcança! ...»

(«O Diabo», n.º 270, de 25-11-1939)

Poema inominado

A Maria, claro, dorme no sótão.
A Maria deita-se tarde e levanta-se cedo.
A Maria varre, esfrega e limpa a casa,
arrecebe o pão ao padeiro,
o leite ao leiteiro,
e prepara o pequeno almoço
prós patrões tomarem na cama regalados.
A Maria veste os meninos malcriados
e já todos senhores do seu nariz.
A Maria vai ás compras e vem das compras,
faz o almoço e serve o almoço,
faz o jantar e serve o jantar,
põe a mesa e levanta a mesa,
lava a louça e limpa a louça,
vai aos recados e vem dos recados,
faz isto e faz aquilo.

Maria, anda! . . Anda, Maria,
que para isso te pagam e sustentam!
E, se adoeceres, vá pra um hospital tratar-te
e, se casares, enche-te de filhos
pra que haja sempre quem sirva, Maria!
E, se chegares a velha,
estoira de fome aí pra um canto qualquer,
porque já não serves pra nada, Maria!

Maria, anda! .. Anda Maria!...
Doba, doba, dobadoira, doba...

Não arrecebeste educação de teus pais,
nem instrução, nem nada.
porque eles a não tinham nem posses pra ta dar.
— Deram-te o corpo, deram-te os braços
e as mãos pra trabalhar.

E não sabes falar, Maria,
e não sabes falar!

(2.º Vol. de «Contos e Poemas»,
modernos autores portugueses, Lisboa, 1942)

Prevenção

Apurem bem o ouvido
os que na hora derradeira
me acompanharem até junto
dos quatro palmos de terra
que me estão reservados,
e em que hão-de meter-me
inerte, hirto, gelado,
porque decerto ouvirão
meu protesto inútil, desesperado,
por pra sempre haver perdido a Vida,
que não vivi ou vivi demasiado...

(«O Diabo», n.º 294, de 11-5-1940, e
«Mundo Literário», n.º 43, 1 de Março de 1947)

O que ao poeta importa

Versos. versos que são?

Neblina? Poalha? Fogo erguido
breve consumido?

Tudo isso eles são
ou serão
tantas vezes.

Mas ao poeta que importa?

(Se cantando só quer erguer,
ainda que fugaz,
um clarão de humanidade)

Caboucos

Pegado a mim trago o torrão
onde nasci;

sou a raiz da lembrança
do tempo que nele vivi.

É daqui desviado :

— Fica onde há montanhas
altas,
falar certo e honrado.

Apeteci-te brinquedo

Vieste depois de mim
com a tua cauda polvilhada
de mistério
e o ar cansado da longa viagem
Via-se bem que outros desígnios
não tinhas
senão os de passar seguir em
frente
obedecer ao teu destino.

Mas se nisso reparaste
não foi senão para passar mais
depressa fugir
aínda que parecesses parado.

Ah estou a ver-te girino de rã
nos céus estrelados daquelas
noites de primavera em que vieste!

Estou a ver-te.

Para mim tu outra coisa não eras
mais do que um brinquedo
que tinha o contra de não estar
ao alcance dos meus dedos sequiosos.
E o que eu te olhava e apetecia!
Tanto
que teria querido armar-te uma
esperrela
para que nela caíesses.

Mas bem sentia que não.

Voavas alto demais
e com outras asas que não as de
pássaro.

Ah cometa de Halley
como gostaria de voltar a ver-te
com os mesmos olhos e sem outra
inquietação senão a de querer-te
para brinquedo!

Mas quando voltares
(que tu hás-de voltar)
com a tua cauda polvilhada de
mistério
e o teu ar cansado da longa
viagem
já não terei olhos para te ver
nem dedos para desejar-te meu
brinquedo.

Tudo de mim estará submerso!

(Sabor a terra)

Renúncia

Deixarei de existir
No ciclo conhecido.
Não mais esculturas
Transparentes
Nas minhas mãos!
E tudo .. será o mesmo tudo
Repetido
E eu seguirei sòzinha
No infinito
Saudade? Dor? Indiferença?
O meu olhar sem certeza
Seguirá o caminho das órbitas
Naquele abandono lírico
Das crianças...
Sublime, a Poesia
Será o único pão da minha mesa
Depois... muito depois...
Pensarei que são minhas,
Do meu peito de cisne,
Todas as penas daquele ninho
A' beira do rio...

Oferta

Vem!... Aqui é sem ti que as nuvens se dispersam
Numa lenta agonia,
Num imenso adeus!
E' sem ti que as pálpebras tombadas
Sob o frio da luz
Se eternizam
Num jeito cansado de conchas milenárias!
Escuta: ainda há palavras para além das quais
O voo fumarento das aves
E' ainda saudade de palavras
D'amor!
Vem... ó vem!
Que toda a juventude dos meus braços
Te contará a lenda dessa taça de carne
Onde a ira de Deus
Nos baptizou...

(Suavidade)

Nocturno

E', em si, o perfume e o rumor
Duma haste de flor!

.....

Em um trono só de bruma
Repousa a noite
Sua leve cabeça vento-sul,
E a estrela polar vem, pela caruma
De astros... céu em fora,
oferecer uma colcha toda azul!

Já a lua, pupila suspeitosa,
Vai encontrar o seu luar que chora
Nos braços duma sílfide, com sexo da rosa...
E as brisas repartidas,
Cume em cume,
São os colares de pedras coloridas
Que lhe vem ofertar
O ciúme
Do mar!

.....

E', em si, o perfume e o rumor
Duma haste de flor!

E está também na noite
E sofre como a lua...

Está na noite e desce
E vem serena,
Onde o último passo ecoa e esquece!

Está na noite e é só
e cai... de rastos...

Soluçam cravos pelos becos fundos!
E os cães vadios, trágicos, imundos,
Lambem sem dó
Seus brancos ossos de astros...

(Litoral do Sonho)

Hino à terra

Terra solidificada
No gelo das palavras!
Queremos olhos de mica para os revérberos indecisos
E lágrimas de sol, de areia, de miragem.

Terra! Taígeto!
Tens alicerces nas estrelas
Mas vejo para lá de ti,
Lama dos meus caminhos!

Rasgas a paisagem
E atiras um vento desconhecido
— o voo lento da mulher desvirginada —
A' minha vidraça.

Os teus cumes alongam o azul que te cobre
Nos sábados de mármore
Que passam desfolhando um cardo
E arrebatam o riso dos fantasmas.

Terra Fria — de olhar ferido!
Terra Fria — na minha paisagem de poeta e terramoto.

Terra fria

Aqui a manhã chega mais cedo a nossas casas,
...para nos encontrar ao fim da lareira.
Da lâmina da enxada nasce depois
Um sol enorme,
Paralelo a nós,
E uma sombra, longa, longa.

Sobrevivemos como as águas de dilúvio,
Os assobios dos zagais
As desfolhadas em noites mulatas,
As neves e os quarenta graus de Julho.

Aqui todas as vozes se perdem
Dentro de nós, às Trindades.

Regressamos então, debruçados, arquejantes,
Ao peso de um saco de batatas
Que nos fará bendizer a Corte Celestial
Por noites sem fim
No escabelo negro da lareira.

Terra Fria,
Pão partido,
Tormento líquido onde há lágrimas para tudo:
Umas quantas para o nome duma avó,
Outras tantas para a carta que chega do Brasil.

Terra Fria,
Terra feita à dor como tributo!

Terra Fria,
Terra — Orgulho;
Fria — Vingança.
«Por aqui não passou Cristo»
Mas a espera continua,
Enferrujada
Lança
Nas enferrujadas mãos.

Terra Fria,
Dos homens precocemente envelhecidos,
Em cujo granito não há lugar para mais rugas.

Terra Fria
Terra de homens temidos,
Tementes a Deus em mil côvados de Terra.

Terra Fria,
Terra Mãe,
Neste correr ceca e meca
E olivais de Santarém.

Terra Fria,
Cintel bendito do amor,
Carvalho mutilado,
Penedia cerce
Onde a aurora vinga
E o Centauro ajoelha.

Terra Fria,
O' calvário onde apodrecem carnes, almas, corações
E a camisa de linho inconsútil
Das vetustas gerações!
No céu não cabe tanto sofrimento — é inútil.

Terra Fria,
Terra feita necessária pela terra,
Alma feita necessária pela alma,
Olimpo dos escravos
— Antigo Testamento —
Oh terra — pulsação!

(*Terra Fria*)

Vindima

Mosto, descantes, e um rumor de passos
Na terra recalçada de vinhedos.
Um fermentar de forças e cansaços
Em altas confidências e segredos.

Laivos de sangue nos poentes baços.
Doçura quente em corações azedos.
E, sobretudo, pés olhos e braços
Alegres como peças de brinquedos.

Fim de parto ou vida, ninguém sabe
A medida precisa que lhe cabe
No tempo, na alegria e na tristeza.

Rasgam-se os véus do sonho e da desgraça.
Ergue-se em cheio a taça
A' própria confusão da natureza.

(Libertação)

Divindade

Hirta, a fraga maior olha a montanha,
Seu corpo, sua força e sua graça.
Hirta, olha o rio claro onde se banha,
Hirta, olha o sol que se levanta e passa.

Hera nenhuma deste mundo a enlaça.
Pena nenhuma sobe a paz tamanha.
Ninguém levanta ali a sua taça,
Suor nenhum aquele granito amanha.

Perto do céu, petrificada e dura,
Nenhuma dor oscila à sua altura,
Nenhum arfar lhe muda a condição

Fria e distante, já não há verdade
Que quebre a solidão e a majestade
Da deusa que foi lama aqui no chão.

(Libertação)

Ar livre

Ar livre, que não respiro
Ou são pela asfixia
Miséria de cobardia
Que não arromba a janela
Da sala onde a fantasia
Estiola e fica amarela!

Ar livre, digo-vos eu!
Ou estamos nalgum museu
De manequins de cartão?
Abaixa! E ninguém se importe!
Antes o caos que a morte...
De par em par, pois então?!

Ar livre! Correntes de ar
Por toda a casa empestada!
(Vendavais na terra inteira,
A própria dor arejada,
— E nós nesta borralheira
De estufa calafetada!)

Ar livre! Que ninguém canta
Com a corda na garganta,
Tolhido da inspiração!
Ar livre, como se tem
Fora do ventre da mãe,
Desligado do cordão!

Ar livre, sem restrições!
Ou há pulmões,
Ou não há!
Fechem as outras riquezas,
Mas tenham fartas as mesas
Do ar que a vida nos dá!

(Cântico do homem)

Federico Garcia Lorca

Garcia Lorca, irmão:
Sou eu ainda, sonha ..
Venho, porque este humano coração
Não tem força que ponha
Silêncio onde se deve gratidão.

Venho e virei enquanto houver poesia,
Vida e povo na Ibéria.
Venho e virei à tua romaria
Oferecer-te a miséria
Duma oração lusiada e sombria.

Venho, poeta branco da Nevada,
Filho novo de Espanha!
Venho, e não digas nada;
Deixa um pobre poeta da montanha
Trazer torgas à terra de Granada!

Indomável cigano
Dos caminhos do tempo e da ventura,
Sensual e profano,
O teu génio floresce cada ano...
Venho ver-te crescer da sepultura!

Bruxo das sombras onde alguém te quis,
Nimbaste de magia o que escreveste!
Sete palmos de terra, e nenhum diz
Que secou a raiz,
Que partiste ou morreste!

Uma luz que é o oceano da verdade
Abre-se onde os teus versos vão abrindo...
A eternidade.
Na pureza da sua claridade,
Sobre o teu nome, universal, caindo...

E o peregrino vem.
Reza, chora de amor,
Põe no altar o que tem,
E sofre mais contente a sua dor...
Deixa-me vir, também!

(Alguns Poemas Ibéricos)

Maceração

Pisa os meus versos, Musa insatisfeita!
Nenhum deles te merece.
São frutos acres que não apetece
Comer.
Falta-lhes génio, o sol que amadurece
O que sabe nascer.

Cospe de tédio e nojo
Em cada imagem que te desfigura.
Nega esta rima impura
Que responde de ouvido.
Denuncia estas sílabas contadas,
Vestígios digitais do evadido
Que deixa atrás de si as impressões marcadas.

E corta-me de vez as asas que me deste.
Mandaste-me voar;
E eu tinha um corpo inteiro a recusar
Esse ímpeto celeste.

(*Penas do Purgatório*)

Sondagem

Angústia marginal dos mares humanos...
E' mais dentro e mais fundo que me dói.
Nem ondas, nem destroços
Dos meus ossos
Na mortalha passiva do areal.
O largo desespero inconformado,
Onde cada queixume enrodilhado
E' um soluço abissal.

Progressiva adição do sofrimento,
E' como se os ribeiros,
E as torrentes,
E os rios,
E os lagos que há no mundo
Se juntassem num trágico oceano
Sem margens de sossego.
Oceano maldito e penitente,
Da ilusão
Lavra e semeia
De versos e de acenos de sereia.

(*Orfeu Rebelde*)

Tatuagem

Um verso apenas, mas que fique impresso
Na morena epiderme
Do teu corpo maciço;
Um verso agradecido
À universal beleza
Do teu rosto redondo,
Infantigavelmente variado;
Um verso branco e puro
De rendido louvor
A' serena ironia
Com que deixas brincar no teu regaço
A inquietação,
E devolves o eco
De cada grito
A' boca enfurecida,
— Terra, pátria da vida!
Eva que o sol fecunda do infinito!

(Diário VIII)

Não passarão

Não desesperes, Mãe!
O último triunfo é interdito
Aos heróis que o não são.
Lembra-te do teu grito:
Não passarão!

Não passarão!
Só mesmo se parasse o coração
Que te bate no peito.
Só mesmo se pudesse haver sentido
Entre o sangue vertido
E o sonho desfeito.

Só mesmo se a raiz bebesse em lodo
De traição e de crime.
Só mesmo se não fosse o mundo todo
Que na tua tragédia se redime

Não passarão!
Arde a seara, mas dum simples grão
Nasce o trigal de novo.
Morrem filhos e filhas da nação,
Não morre um povo'

Não passarão!
Seja qual for a fúria da agressão,
As forças que te querem jugular
Não poderão passar
Sobre a dor infinita desse não
Que a terra inteira ouviu
E repetiu:
Não passarão!

(*Poemas Ibéricos*)

Viagem

Vem comigo, não me deixes ir sózinho.
Ao desdém pelo mundo!...
As pedras do caminho
Hão-de por certo chamar-me vagabundo.

Vamos, vamos correr a distância infinda
De tantas ambições,
Que noutra idade linda,
Coroavam de oiro os nossos corações...

Vem comigo, percorrer entre cantigas
As campinas em flor.
Vem então e não digas
Que a vida para ti já não tem sabor.

Oh! vem sentar-te à sombra dos espinheiros,
Que fresca apetitosa!...
Fomos nós os primeiros,
Lembras-te?, a desfolhar neles uma rosa.

Que tempos saudosos, saudosos caminhos,
Repletos de sorrisos,
Quando em voos indecisos,
Iam as aves em direcção aos ninhos!

Que gorjeios de amor, ruidosas risadas
Se ouviram pela rua
Ou pelas desfolhadas
A' noite, ao márcido sorriso da lua!

Mas vem comigo cantar esta saudade,
Cantá-la vida fora! ..
Pois ninguém me persuade
Que já não são nossos os Sonhos doutro...

(Asas de Espuma)

Contraste

Enfeitiça-me o Sol,
Mas eu amo mais a sombra,
A sombra indecisa das coisas,
Porque o sol foge de mim
E no meu deserto sem fim,
É a sombra quem me chama !
E eu sou assim,
Odeio quem me odeia
E amo quem me ama.

Eu amo a dor,
A única companheira de viagem
A desfolhar,
Com amor e carinho,
Malmequeres pelo caminho
Que eu terei de palmilhar.

Enfeitiça-me a alegria,
Mas eu amo mais a dor,
Porque aquela me é alheia
E esta sempre me chama;
E eu odeio quem me odeia
E amo quem me ama.

Hoje, quando olho o mundo,
Em tudo vejo o mal !
Até as virtudes são pecados
Nesta desarmonia completa.
Oh ! minha alma de poeta,
Gêmea dos desventurados !...

Sexta-Feira Santa da humanidade.
Livro de Jeremias, quem vai entoar-te ?
Gargantas roucas
Que há em toda a parte...
Ambições loucas,
Fingim que sofrem, para mais gozar !
Mas ai de quem não chora
Nas horas poucas
Que tem para chorar !...

(Inquietação)

A Moura Oculta

Quebro no enleio do olhos
o afago das caveiras
e o espanto dos lagartos
que deslizam entre cardos
na penumbra das muralhas:
aguardo além da máscara de morte
a bafo quente de ouro
velado em antros.

Eu sei, amor:
é como asa, onda ou chama
imersa em noite
a inundar-me de ânsia
e a reter-me neste gesto.

Sondo os poços no limbo
à espera do fusil brilhando
que reanime os teus olhos
e defina o teu espectro.

Aguardo além das caveiras
o subtil murmúrio
da moura em que se afundam,
também da minha imagem,
uma serpente no olhar
e pétalas abrindo-se em nítido cristal.

Vagueio em sombra pelas sombras
labiríntico silêncio
onde ecos de fontes germinam
nos côncavos densos da pedra
por entre fetos húmidos e quentes;

e onde se esboçam palavras vegetais
para os lábios ainda verdes
de mouras informes esperando.

A Barragem

Rígido elmo
de alumínio
metálico desdém
de um fingir de violino.

Mas nem os blondins
— azeviche riscando
a fundura do céu —,
nem as coroas de lanças
nos torreões cinzentos
da barragem que se adensa
enfuna e cresce,
nem este jipe que me leva para as alturas
embriagam de sinais de viagens
as águias estilhaçadas
em que me afundo, apocalíptico,
a gemer retòricamente
uma ulceração de vulcões
nas arribas esfaceladas.

Os operários dissolvem-se em distância
(estrépita neblina de envolventes sons),
e afunda-os a sombra densa
das cavernas de cimento,
ou suspendem-se de aventura
entre as cofragens de prata.

Finjo nos olhos atentos
uma presença de engenheiro
(ácido gume cortante
do capacete de alumínio);
mas invento dores de pedras
no arraial dos aços prontos,
e na cidade confiscada
imploro torres que desmaiem

E, mais que o apelo
dos homens de metal e cinza
a excitarem a morte
na vertigem dos espaços,
é este enleio de luas

cravejadas de punhais
— mansidão de caveiras onde iludo
a angustia que nem sequer sinto
de morrer sobre campos moventes
privado de violinos e regaços.

Mirandum

Não é do medo
nem do vento
nem da asa de lua
a procurar esqueletos
onde a poalha desce
longe
no desmaio do tempo

Não é do medo
nem do vento
esta invenção de sons
arrancados ao silêncio

Mas da cinza esquecida
nos lares frios
onde portas batem de noite
a gemer nos gonzos
— insinuações de memórias
que se alentam no rumor
de infáveis pressentimentos

E' nestas vigílias
sombra de punhais embotados
que vem até mim
o eco indelével
de passos longe
no descampado

NOTAS SOBRE OS POETAS
INCLUÍDOS NESTA ANTOLOGIA

Afonso de Castro

Afonso da Rocha e Castro, nasceu, em 1897, em Afonsim, Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes), e morreu em 1959. Publicou dois livros de poesia — «Mocidade Lirica» e «Antifonário Pagão».

Alberto Miranda

Nasceu em Macedo de Cavaleiros (Trás-os-Montes), em 1912. Publicou os livros de poemas «Musa Incerta» e «Regresso» (1962).

Alfredo Margarido

Nasceu em Moimenta, Vinhais (Trás-os-Montes), em 1928. Tem publicados os seguintes livros de poemas: «Poemas com rosas» (1953) e «Poema para uma bailarina negra» (1958).

António Borges Coelho

Nasceu em Murça (Trás-os-Montes), em 1928. Publicou o livro de poemas «Roseira Verde».

António José Maldonado

António José de Almeida Loureiro Maldonado, nasceu em Bragança (Trás-os-Montes), em 1924. Publicou o livro de poesia «Futuros ou não» (1960).

António Cabral

António Joaquim Magalhães Teixeira Cabral, nasceu em Castedo, Alijó (Alto Douro), em 1931. Tem publicados os seguintes livros de poemas: «O Mar e as Águias» (1956), «Falo-vos da Montanha» (1958), «A Flor e as Palavras» (1960), «Poemas Durienses» (1963) e «Os Homens Cantam a Nordeste» (1967).

Bento da Cruz

Nasceu, em 1925, Peirezes, Montalegre, em (Trás-os-Montes), e publicou um livro de poemas «Hemoptise» (1959).

Domingos Monteiro

Nasceu em Mesão Frio (Alto Douro), em 1903. Publicou os seguintes livros de poemas: «Orações do Crepúsculo» (1920), «Nau Errante» (1921) e «Evasão» (1953).

Edgar Carneiro

Nasceu em Chaves (Trás-os-Montes), em 1913. Tem publicado um livro de poesia: «Caminhos de Fogo» (1933).

Eduardo Guerra Carneiro

Eduardo Augusto Guerra Carneiro, nasceu em Chaves (Trás-os-Montes), em 1942. Publicou dois livros de poemas: «O Perfil da Estátua» (1961) e «Corpo Terra» (1966). Foi um dos colaboradores do 2.º volume de «Poemas Livres» (Coimbra - 1963).

Fausto José

Fausto José dos Santos, nasceu em Aldeia de Cima, Armamar (Alto Douro), em 1903. Publicou os seguintes livros de poesia: «Fonte Branca» (1928), «Planalto» (1930), «Remoinho» (1933), «Síntese» (1934), «Solstício» (1940), «Embaló» (1942), «Dona Donzela Senhorinha» (1946), «É El-Rey Que Vai à Caça» (1951), «Voz Nua» (1957) e «Livro dos Mendigos» (1967).

Francisco Dias Cordeiro

Francisco Eduardo Dias Cordeiro, nasceu em Bemposta, Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1941. Não tem livros de poemas publicados.

Granjo de Matos

Manuel Granjo de Matos, nasceu em Vila Real (Trás-os-Montes), em 1935. Publicou os livros de poesia: «Seara» (1958) e «Negro sobre Negro» (1963).

J. Gonçalves de Oliveira

José Gonçalves de Oliveira, nasceu na Póvoa, Vila Nova de Souto d'El Rei (Alto Douro), em 1916. Publicou o livro de poemas «Musa Antiga» (1958).

José Barcos

Nasceu em Lordelo, Vila Real (Trás-os-Montes), em 1936. Tem publicados os seguintes livros de poesia: «Sinos com voz de marfim», «Sol e Lua» (1960) e «Seiva e Sangue» (1961).

José Magem

Joaquim de Barros Ferreira, nasceu em Constantim (Trás-os-Montes), em 1941. Publicou dois livros de poemas: «A Vilegiatura do Dia» (1961) e «Algas e Deuses» (1965).

Manuel Pinto

Nasceu em Santa-Valha, Valpaços (Trás-os-Montes). Tem publicado um livro de poemas: «Sabor a Terra» (1966).

Maria Augusta Ribeiro

Augusta da Conceição Botelho Ribeiro, nasceu em Golfeiras, Mirandela (Trás-os-Montes), em 1931. Publicou os seguintes livros de poemas: «Suavidade» (1950) e «Litoral de Sonho» (1957).

Miguel Montes

José Dias Baptista, nasceu em Vila da Ponte, Montalegre (Trás-os-Montes), em 1941. Publicou um livro de poemas: «Terra Fria» (1963).

Miguel Torga

Adolfo Correia da Rocha, nasceu em S. Martinho de Anta (Alto Douro), em 1907. Publicou os seguintes livros de poemas: «Ansiedade» (1928), «Rampa» (1930), «Tribudo» (1931), «Abismo» (1932), «O Outro Livro de Job» (1936), «Lamentação» (1942), «Libertação» (1944), «Odes» (1946), «Nihil Sibi» (1948), «Cântico do Homem» (1950), «Alguns Poemas Ibéricos» (1952), «Penas do Purgatório» (1954), «Orfeu Rebelde» (1958) e «Poemas Ibéricos» (1965). Nos volumes de «Diários» (que vem a publicar desde 1941), encontram-se alguns poemas.

Nelson Vilela

Nasceu em Vilarinho da Samardã (Trás-os-Montes), em 1933. Publicou os seguintes livros de poesia: «Saudade», «Asas de Espuma», «Mar e Sombra», «Inquietação», «Sobre a terra e sobre o mar» e «Pedaços do mesmo sonho».

Nuno Teixeira Neves

Nasceu em Mirandela (Trás-os-Montes), em 1922. Não tem livros de poesia publicados.

Í N D I C E

Afonso de Castro

<i>Soneto da Neve</i>	7
<i>Nota à Margem da Via-Láctea</i>	7
<i>Madrigal Bárbaro</i>	8

Alberto Miranda

<i>Regresso</i>	9
<i>Bailado da Neve</i>	9

Alfredo Margarido

<i>Do teu ombro os pássaros partem</i>	10
<i>Poema para uma bailarina negra</i>	11

António Borges Coelho

<i>Sou barco</i>	13
<i>Pede ao Sol que venha</i>	13
<i>Sentinelas de pedra</i>	15
<i>Porque me levanto</i>	16

António José Maldonado

<i>Quebra nos meus lábios</i>	20
<i>Respiração através do teu nome</i>	20
<i>Terra de ninguém</i>	21
<i>Êxodo</i>	21

António Cabral

<i>A Montanha</i>	22
<i>Aqui, Douro</i>	23
<i>Advento</i>	25
<i>Douro, meu belo país</i>	26
<i>A Quinta do Senhor Smith</i>	27

<i>Vista parcial duma aldeia duriense</i>	28
<i>Pinhão, 8,20</i>	28
<i>Carta a João Cabral</i>	29
<i>A Régua</i>	30
<i>Poema com história</i>	31

Bento da Cruz

<i>Benvinda sejam, doce Primavera...</i>	32
<i>Cadáver</i>	32
<i>Na papeleta branca...</i>	33

Domingos Monteiro

<i>Ser ou não ser...</i>	35
<i>E eu que sonhava coisas impossíveis</i>	36
<i>Balada da amizade</i>	37

Edgar Carneiro

<i>Vida eterna</i>	38
<i>Sou filho da distância...</i>	38
<i>Cidade morta</i>	39
<i>Êxodo</i>	40
<i>Guerra e paz</i>	40

Eduardo Guerra — Carneiro

<i>Perfeito é o príncipe</i>	41
<i>Canção III</i>	41
<i>Resistência</i>	42
<i>Somos de pedra</i>	42
<i>Muita coisa eu sei</i>	43
<i>No preciso momento de abrir os braços</i>	43
<i>Para além da árvore com limões</i>	44
<i>Óleo queimado</i>	44
<i>Corpo terra</i>	45

Fausto José

<i>Pastorinha</i>	49
<i>Beira-Doiro</i>	49
<i>Visão</i>	53
<i>Canção da donzela morta</i>	53

Francisco Cordeiro

<i>A trovoada</i>	54
-------------------	-----------	----

Granjo de Matos

<i>Trás-os-Montes</i>	58
<i>Cântico panteísta</i>	58
<i>Quadro</i>	59

J. Gonçalinho de Oliveira

<i>Marão</i>	60
<i>Terra Transmontana</i>	60
<i>Testamento</i>	61
<i>Trás-os-Montes</i>	61

José Barcos

<i>Eu te saúdo velha Maria da Terra</i>	62
<i>Retrato</i>	62
<i>Sinfonia do vidro da carruagem</i>	63
<i>Canto</i>	63
<i>Música em mim</i>	64

José Magem

<i>Gesto oblíquo</i>	65
<i>Persianas</i>	66
<i>Vamos na libertação</i>	68

Manuel Pinto

<i>E o oráculo assim falou:</i>	71
<i>Poema inominado</i>	71
<i>Prevenção</i>	72
<i>O que ao poeta importa</i>	73
<i>Caboucos</i>	73
<i>Apeteci-te brinquedo</i>	73

Maria Augusta Ribeiro

<i>Renúncia</i>	75
<i>Oferta</i>	75
<i>Nocturno</i>	76

<i>A Moura Oculta</i>	88
<i>A Barragem</i>	89
<i>Mirandum</i>	90

COMPOSTO E IMPRESSO NA
MINERVA TRASMONTANA
EM 30-4-68 — VILA REAL